



O livro negro
de
Thomas Kyd

Sheila Hue



BERNARDO BLANCO
5°C

O livro negro
de
Thomas Kyd

Sheila Hue

Ilustrações
Alexandre Camanho

1ª edição



São Paulo – 2011

Copyright © Sheila Moura Hue, 2011
Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo - SP
CEP 01326-010 Tel. (0-XX-11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: www.ftd.com.br
E-mail: projetos@ftd.com.br

<i>Diretora editorial</i>	Silmara Sapiense Vespasiano
<i>Editora</i>	Ceciliany Alves
<i>Editor assistente</i>	Luiz Gonzaga de Almeida
<i>Assistentes de produção</i>	Ana Paula Jazetto Lilia Pires
<i>Assistentes editoriais</i>	Ândria Cristina de Oliveira Tássia Regiane Silvestre de Oliveira
<i>Preparadora</i>	Maria Clara Barcellos Fontanella
<i>Revisor</i>	Adolfo José Facchini
<i>Coordenador de produção editorial</i>	Caio Leandro Rios
<i>Editora de arte e projeto gráfico</i>	Andréia Crema
<i>Diagramação</i>	Sheila Moraes Ribeiro Luis Vassallo
<i>Tratamento de imagem</i>	Ana Isabela Pithan Maraschin
<i>Gerente de produção gráfica</i>	Reginaldo Soares Damasceno

Sheila Hue, doutora em Letras pela PUC-Rio, coordena o Núcleo Manuscritos e Autógrafos do Real Gabinete Português de Leitura e é especialista em estudos camonianos e relatos de viagem do Renascimento. Integra a equipe da edição crítica de *Os Lustadas* na Academia Brasileira de Letras. Publicou, entre outros estudos, *Delícias do Descobrimento – A gastronomia brasileira no século XVI*. Esta é sua primeira obra de ficção.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hue, Sheila
O livro negro de Thomas Kyd /
Sheila Hue ; ilustrações Alexandre Camanho. –
1. ed. – São Paulo : FTD, 2011.

ISBN 978-85-322-7893-7

1. Literatura infantojuvenil I.
Camanho, Alexandre II. Título.

11-03414

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

Roteiro náutico
de Plymouth ao
Estreito de Magalhães



Plymouth

I. Canarias

Rio de Janeiro
Ilha Grande
Santos

Terra dos Patagones S. Julian
Porto Deseado

Estreito de
Magalhães

<i>O porto</i>	6
<i>A viagem</i>	14
<i>A grande linha</i>	22
<i>Placência, a ilha</i>	32
<i>Os homens-pássaro</i>	46
<i>Santos, a vila</i>	64
<i>A caminho do estreito</i>	72

<i>Setebos, o gigante</i>	80
<i>Porto Desire</i>	90
<i>Cosmografia</i>	100
<i>O caminho de volta</i>	108
<i>O Rio de Janeiro</i>	118
<i>A miniatura Hilliard</i>	130
<i>Nota da autora</i>	140



O porto



NARRADOR

PERSONAGEM

Minha grande oportunidade tinha enfim aparecido. Um marinheiro chamado Abraão Cocke, **um velho ranzinza, mal-encarado e malcheiroso**, estava como um louco percorrendo as ruas da cidade de Plymouth, onde fica o grande porto de onde saem os navios para o Novo Mundo, e onde felizmente eu tinha nascido. Havia uma grande razão para que ele corresse de um lado para outro, entrando em todas as tabernas e becos, gritando que precisava de gente para embarcar no dia seguinte. A tripulação que tinha sido contratada, e que já havia até recebido uma

ADJETIVO

O livro negro de Thomas Kyd

parte do pagamento, simplesmente não aparecera na hora do embarque. Os homens às vezes agiam assim, pegavam o dinheiro, botavam no bolso e fugiam para outro porto. O almirante estava possesso, e tinha de qualquer maneira de partir no dia seguinte. A cada dia de atraso, ele perdia muito dinheiro. Precisava arranjar uma nova tripulação de um dia para outro, e aí de Abraão Cocke se não conseguisse novos marinheiros dispostos a embarcar.

8
Sir Thomas Cavendish, o almirante, era conhecido por ser um homem mau, egoísta, e tinha fama de jogar para fora de seus navios os doentes e os insubordinados. Para piorar a situação, ele planejava dar a volta ao mundo. E todos sabiam que essa era uma missão tremendamente arriscada. Não era de espantar a tripulação ter fugido na última hora. Embarcar nessa frota era como ter um encontro marcado com a morte. Mas devo dizer que isso não me assustava nem um pouco. Sem pai, sem mãe, vivendo nas ruas, comendo aqui e ali, e dormindo onde desse, meu sonho sempre tinha sido esse: embarcar em uma bela frota, entrar naqueles lindos navios, e sair

SONHO

pelo mar, esse grande, azul e misterioso mar, para conhecer o mundo, as terras distantes, cheias de maravilhas, onde havia montanhas inteiras de ouro e prata.

Cresci ouvindo histórias, algumas terríveis, outras incríveis, de como os homens avistavam sereias e eram atraídos por elas para dentro d'água, de como as sereias devoravam os homens, de como havia peixes com asas coloridas que saíam do mar e voavam ao lado dos navios, de como os índios da América faziam enormes fogueiras, quando avistavam os barcos da rainha Elisabeth¹, convocando os demônios para que naufragassem os navios. Mas, vocês querem saber? Nada disso me dava medo. Só de pensar em ver cara a cara uma sereia, eu seria capaz de fazer qualquer coisa.

DESSTRUIDO

Eu já tinha visto muitas frotas voltarem. Algumas com homens doentes, os mastros quebrados, as velas em frangalhos, o que provocava muita tristeza em todos nós. Mas outros chegavam verdadeiramente nadando

¹ O reinado de Elisabeth I (1558-1603) foi a época áurea e heroica da marinha inglesa, e também o período de maior desentendimento político e religioso entre os ingleses e as coroas de Portugal e da Espanha.

O livro negro de Thomas Kyd

em ouro. Sir Thomas Cavendish, quando chegou de sua primeira volta ao mundo, deixou todos de boca aberta.

Descrição O mastro principal de seu navio era todo de ouro, ouro maciço. As velas eram todas de um tecido caríssimo, chinês, e os cabos confeccionados com outros tecidos finos e preciosos. Várias partes de seu navio foram revestidas de prata. E ele ainda trouxe, de um lugar muito distante chamado Japão, dois rapazes, de olhos puxados, que não entendiam nada do que falávamos e olhavam para tudo com uma engraçadíssima cara de espanto.

10 Christopher e Cosmus, esses eram os nomes dos japoneses, passaram muito tempo em Plymouth e acabaram conseguindo falar conosco na nossa língua e nos contaram coisas incríveis. As riquezas dos novos mundos não tinham fim. Eles tinham visto de tudo. Montanhas de joias, moedas de ouro, pérolas e pedras preciosas, toneladas de prata, e os tecidos mais reluzentes e caros do mundo.

Tudo isso estava nos galeões espanhóis que vinham carregados do Oriente (foi de uma dessas grandes

naus, o Santa Ana, que Christopher e Cosmus foram capturados por *sir* Cavendish como parte do tesouro). E a nós, os ingleses, os bravos marinheiros da rainha Elisabeth, a nós cabia apenas atacar esses galeões e incendiá-los. Mas, antes de incendiá-los, tínhamos, é lógico, que passar todas essas preciosidades para os nossos navios e então voltar para casa milionários, e, quem sabe, passar o resto da vida contando moedas de ouro. Não é espetacular?! Quem poderia ter medo de embarcar numa bela frota da rainha com tão grande recompensa no horizonte?

É claro que os senhores, os nobres e bem-nascidos ficavam com quase tudo para eles. Mas havia muitas oportunidades para nós, jovens sem pai nem mãe, sem família, sem profissão e sem nenhuma chance aqui em terra. No mar, tudo era possível. Podíamos desembarcar nas vilas da América e procurar à vontade as nossas riquezas.

Muitos meninos como eu tinham voltado com moedas de ouro e também com mercadorias precio-

12

sas, como pimenta, açúcar e âmbar, que podiam vender aqui na Inglaterra por um alto preço. Nas praias da América, era só andar pela areia e recolher pedaços e mais pedaços de âmbar que, vendidos na Inglaterra, rendiam muitas moedas de prata. Eu mesmo já tinha visto como eles voltavam diferentes, com um brilho no olhar. E os que não conseguiam nada voltavam vestindo as roupas que ganhavam dos nobres, camisas brancas quase novas, calças e jaquetas de tecidos caros, e também botas forradas, de maneira que passavam o inverno sem sentir frio e ainda conseguiam bons empregos estando assim tão bem-vestidos.

E o próprio taberneiro da Pinaça Negra tinha me contado que abrira aquele negócio quando era ainda jovem, depois de voltar de uma viagem que fizera com *sir* William Hawkins. E foram os papagaios que ele trouxera dessa viagem que lhe renderam o dinheiro necessário para abrir a sua taberna, e agora era um homem respeitado em toda a Plymouth. Nicholas Sulk, esse era o seu nome, já tinha contado infinitas vezes a

sua viagem a quem quisesse ouvir. E é lógico que eu já tinha ouvido essa história milhares de vezes, enquanto limpava o chão, as mesas, e enxotava os cachorros que cismavam em entrar na taberna.

Mas isso foi até o dia em que um cachorro conseguiu me enganar, entrar na cozinha, e comer uma perna de porco que tinha acabado de ser assada. Na mesma hora, perdi meu emprego e tive que voltar para a rua. Mas foi uma sorte. Porque, quando vi Abraão Cocke e ouvi os berros que ele dava, logo corri para junto dele, e assim consegui realizar o sonho da minha vida. Eu, Thomas Kyd, finalmente ia embarcar em uma frota. E não era qualquer frota! Era a rica esquadra de *sir* Thomas Cavendish, o homem mais famoso da Inglaterra, que ia dar, pela segunda vez, a volta ao mundo!



50
1660
1661
1662

A viagem

A sorte realmente estava do meu lado. Na hora de dividirem os meninos pelos barcos, eu fui escolhido para o **Leicester**, o galeão do próprio *sir* Thomas Cavendish. Nele estavam os homens mais importantes da frota, e também os músicos, porque, **não sei se vocês sabem, *sir* Cavendish, além de ser um dos nobres mais elegantes da Inglaterra, era um adorador de música, e nunca viajava sem os seus músicos particulares.** O Leicester era enorme e eu consegui até entrar nas cabines, cheias de móveis

curso do livro

O nome do navio

sir Cavendish

Descrição do navio

O livro negro de Thomas Kyd

como nunca vi, e tantos objetos ricos, e tapetes, e louças e pratos, além das mais belas lamparinas que mantinham tudo iluminado como se fosse dia, e também um enorme quadro da nossa rainha.

16

Sir Cavendish era realmente **muito mau**, e eu mesmo levei alguns **chutes** quando por acaso estava recolhendo uns cabos quando ele passava. Todos os homens o detestavam, além de sentirem muito medo dele. Dois de nós foram enforcados nos primeiros quinze dias de viagem! Devo confessar que, apesar de toda a beleza do mar, que muda de cor e de forma, e das cores do céu e das nuvens, e das altíssimas ondas que parecem engolir o galeão, e de um céu como nunca vi, com infinitas estrelas, e da água do mar que em certos dias brilha à noite de forma que os navios deixam um rastro luminoso, apesar de todas essas coisas deslumbrantes, **o clima a bordo era de terror constante**. Nunca sabíamos quando *sir* Cavendish iria implicar com alguém e mandar que esse alguém fosse para a prancha (e dali

lançado para o mar, na boca daqueles monstros que eu mesmo vi) ou para a forca.

De qualquer forma, durante os primeiros dias, houve comida para todos e devo dizer que nunca em minha vida tinha comido todos os dias. Acho que até fiquei um pouco doente por causa disso. Meu corpo não estava habituado a tantas refeições.

Christopher e Cosmus estavam conosco. Mas ninguém gostava deles. Eles realmente tinham hábitos estranhos e todos achavam que traziam azar para a viagem. Os homens não simpatizavam com aqueles olhos puxados e tremiam quando os ouviam falar aquela língua esquisita, que parecia, realmente, um conjuro de feiticeiras. Mais estranho ainda é que eles eram protegidos do médico, Andrew Towers, muito conhecido também como um temível feiticeiro. Towers era caolho e diziam que no olho ruim vivia um espírito do mal. Apesar disso, ele cuidava muito bem de todas as feridas e das doenças, e muitos homens já escaparam da morte graças

→ di. japonês

17

o japonês

esquisito

a ele. No dia em que houve a primeira tempestade, todos viram Towers pegar um estranho cordão, com uma enorme semente vermelha, e, após dizer algumas palavras em latim, pendurá-la ao pescoço. Depois disso, acreditem se quiser, a tempestade foi diminuindo, diminuindo, até que parou completamente, e no lugar das nuvens negras e do vento apareceu um límpido céu azul e ventos perfeitos para a nossa navegação. *Sir* Thomas Cavendish passou a tempestade inteira em sua cabine, com os músicos.

feticionário

18

Preciso, agora, falar daquele monstro que vi. E não o vi sozinho. Todos viram. Era de dia, estávamos enrolando cabos, dobrando velas e limpando o convés superior quando alguém gritou para que olhássemos para fora. Quase não consegui ver, mas me arrastei pelo chão, embaixo das pernas, olhei por uma abertura da amurada, e vi que o bicho era realmente enorme, preto, largo, como uma gigantesca bacia negra e mole, subia e descia, tinha

monstro marinho

chifres também moles, que se moviam. Quase todos os marinheiros ali eram inexperientes em grandes viagens e, por isso, ninguém tinha visto nada parecido. Mas Abraão Cocke disse que era um demônio d'água, e que era um péssimo sinal, um mau agouro, já que aquele bicho trazia muito azar para as frotas que o avistavam. Mas esse não foi o único monstro que vimos.

Depois de mais de ^{muito tempo} vinte dias de viagem, finalmente paramos em uma ilha para abastecer os navios. Estávamos mesmo precisando de água fresca e comida. A frota inteira ancorou a uma certa distância e foram mandados vários botes para a terra, que trouxeram água e alguns mantimentos. Seriam necessárias várias idas e vindas para abastecer todos os navios. Mas não foi o que aconteceu. Vimos quando os outros comandantes se reuniram com *sir* Cavendish para discutir a situação. Nosso almirante, no entanto, já tinha se atrasado dois dias em Plymouth, e não queria perder tempo ali,

mesmo que o abastecimento da frota fosse por isso prejudicado.

20

Dessa forma os botes foram içados a bordo e seguimos a viagem com menos água e menos comida do que seria necessário. Soube depois que um dos botes fora inteiramente carregado com vinhos, azeite e doces cristalizados para o estoque pessoal de *sir* Cavendish. E foi quando estávamos içando as âncoras que aquele espetacular animal apareceu. Era maior que o Leicester, brilhante, meio cinza, meio azul e meio negro, liso, tinha uma espécie de flecha no dorso e um buraco por onde jorrava água; sua cauda tinha forma de âncora e era gigantesca, quando batia na superfície levantava enorme quantidade de água, e se tivesse chegado mais perto dos navios certamente teria afundado algum só com uma rabanada de sua cauda.


Era, depois vim a saber, ^{monstro} uma baleia gigante, tão grande que seria capaz de engolir toda a tripulação do Leicester de uma só vez. O clima naquela região era

morno e agradável e não teria sido de toda má ideia
mergulhar no mar ali mesmo e acabar os dias dentro
de uma baleia. Mas Deus tinha reservado para mim
um outro destino.

↓
fé religiosidade

A grande linha



 Em determinado momento de nossa viagem, alguma coisa aconteceu. O vento subitamente parou. Desceu sobre nós um terrível bafo quente, como se as bocas do inferno tivessem se aberto e soprado sobre nós um vapor escaldante. *Sir* Cavendish apareceu cercado de pilotos e comandantes, e vários instrumentos estranhos foram apontados para o céu, e rabiscaram coisas em papéis e pela primeira vez em minha vida vi mapas, que são desenhos do mundo, onde estavam delineados os caminhos que deveríamos tomar para chegar

à América e ao Mar do Sul. Christopher e Cosmus não pareciam nem um pouco espantados com a súbita calmaria. Afinal já haviam dado uma volta ao mundo e me disseram que tínhamos atravessado a grande linha do equador, que separava o globo em duas partes, a norte e a sul. A partir dali entrávamos em um novo mundo, onde tudo era diferente, inclusive as estrelas.

24 A estrela polar não aparecia mais no céu e a noite estava coalhada de inúmeras constelações que formavam desenhos nunca vistos. Era por isso que usavam aqueles instrumentos apontados para o céu, de forma a medir a distância entre as novas estrelas e escolher o caminho certo a tomar. Mas nada daquilo adiantaria se o vento não começasse a soprar. E por vários dias o vento realmente não soprou e uma grande calamidade começou a cair sobre a nossa frota.

A pouca comida que tínhamos começou a apodrecer, e o resto de água potável fedia mais do que urina de rato. O pouco que nos davam para beber engolíamos tapando o nariz com os dedos para não sentir o cheiro, senão seria impossível beber aquilo sem vomitar. Os que

tomavam água do mar, por puro desespero e por não suportarem a sede e o calor, adoeciam horas depois. Os biscoitos, nosso principal alimento, que sempre eram duros como pedra, estavam moles e cheios de vermes, mas mesmo assim nós os comíamos como se fossem o manjar mais saboroso do mundo. Claro! Não havia mais nada, e era melhor comer aquilo do que morrer de fome. Eu, como estava habituado a comer restos nos mais variados estados de putrefação, não adoeci, mas o mesmo não aconteceu ao resto da tripulação.

Uma noite, o cosmógrafo do Leicester, que é o homem que faz os mapas e conhece as rotas, começou a berrear acusando Christopher e Cosmus de terem comido o seu cinto de couro! Mas logo depois todos perceberam que o cosmógrafo estava doente, sua mente tinha amolecido, talvez devido ao calor dos trópicos, e ele, depois de acusar os japoneses, foi visto comendo o próprio sapato! Christopher e Cosmus se livraram da acusação, mas passaram alguns dias presos no porão, junto com os ratos e uma infinidade de baratas e vermes, o que fez com

que Cosmus ficasse muito doente. Aliás, não só ele. Mais da metade da tripulação havia adoecido, de fome e de sede, e de uma enfermidade que ataca os homens no mar, o escorbuto. Suas gengivas estavam moles, purulentas e sangravam, seus dentes caíam, as juntas doíam, e alguns tinham várias feridas abertas pelo corpo. Tudo fedia horivelmente e parecia que o fim do mundo havia chegado.

26 *Sir* Cavendish e os outros nobres estavam em perfeito estado de saúde devido à sua alimentação particular, aos vinhos, azeites, doces, carnes em conserva e a outras coisas refinadas. Mas, ao ver os homens nesse estado, *sir* Cavendish não os perdoou e a prancha passou a ser usada várias vezes ao dia, e podíamos ouvir o soturno som dos corpos que eram jogados ao mar, alguns mortos e outros ainda vivos. Eu já tinha topado com vários homens maus em minha vida nas ruas, mas, devo confessar a vocês, nenhum tão mau quanto *sir* Cavendish.

Soube depois que ao redor do Leicester, em determinados dias, se juntavam várias bestas marinhas, enormes e famintas, que destroçavam todos os que eram jogados

ao mar, muito gratas à generosidade do almirante. A água do mar ficava vermelha, de tanto sangue, e dou graças a Deus por não ter visto essa cena: já vi coisas terríveis na minha vida, mas nada parecido com isso. As bestas eram tubarões, contou-me Christopher, que os conhecia muito bem de sua outra viagem e que inclusive já tinha até comido a carne deles. Valha-me Deus! Christopher tinha comido a carne dessas bestas que se alimentavam de carne humana! Mas ele e Cosmus são japoneses e têm hábitos muito estranhos, muito diferentes dos nossos, não são te-
27
mentes a Deus, e não deixei de ser amigo deles ao saber disso. Pedi que Christopher não contasse isso a mais ninguém, mas ele riu de mim e disse que, na América, os índios comiam seus inimigos, depois de matá-los e assá-los. Eu já tinha ouvido essa história, mas não acreditava nesses contos feitos para assustar pobres meninos como eu.

Estávamos todos nessa situação desesperadora quando nosso médico, o temido Andrew Towers, resolveu agir. De sua misteriosa maleta saiu um outro colar, dessa vez ornado com uma pedra oval, inteiramen-

28

te branca e com um brilho suspeito, sobrenatural, semelhante àquele brilho fantasmagórico que, em certas noites, os navios deixam na água do mar ao passarem. Towers segurou firmemente a pedra com a mão esquerda e disse algumas frases em latim, com os olhos bem abertos. Isso aconteceu quando a lua cheia surgiu, vermelha, enorme, como eu nunca tinha visto, e todos pensaram, naquele momento, ao ver aquela lua que se espalhava por quase todo o horizonte negro, que o fim do mundo realmente tinha chegado. Os que estavam ali no tombadilho se ajoelharam e rezaram, e alguns começaram a confessar seus terríveis pecados em voz alta, pensando que, assim, seriam absolvidos e escapariam do inferno.

E aquela foi uma noite realmente infernal. Eu sentia uma dor horrível na cabeça e nas gengivas. O mal do mar tinha me atingido. Passei a noite me contorcendo embaixo dos cabos que eu tinha enrolado e, logo pela manhã, Towers, quando me viu caído ali, abriu minha boca, pingou algumas gotas de um frasquinho que tirou do bolso, e depois me deu para beber uma estranha água. Ele me disse

que era óleo de Vitry e água do doutor Stevens, e que eu não contasse a ninguém, pois aqueles caros remédios eram reservados para os senhores e nobres do barco.

Não sei se foi por causa da pedra branca e das palavras em latim que o médico havia recitado quando a lua apareceu, não sei se foi por uma causa natural, mas naquela manhã um vento muito favorável começou a soprar, e nossa viagem em direção à América prosseguiu. Isso deu muito alento à tripulação, e aquela sensação de fim do mundo nos abandonou e foi substituída pela esperança de, enfim, atingir a terra, onde poderíamos encontrar água fresca, comida e, com alguma sorte, ouro e prata. Todos estávamos morrendo de sede e famintos, e o que nos movia a continuar vivos era aquele vento perfeito e constante.

E foi nesse momento de felicidade que avistamos um navio português que navegava muito lentamente, e nos pareceu estar carregado de preciosas mercadorias. Felizmente, ele estava sozinho e não havia outra embarcação o escoltando. Portanto, mesmo com nossos homens quase todos fracos ou doentes, conseguimos facilmente nos

aproximar do navio português e nossos soldados – nossa tripulação era composta de marinheiros e de homens de guerra – abordaram o navio, atacaram a tripulação portuguesa e conseguiram tomá-lo, o que foi muito emocionante para mim, que nunca tinha visto uma abordagem. Devo confessar que não foi nenhum grande feito, já que éramos quatro navios e eles estavam sozinhos em uma nau de carga, muito lenta e sem escolta.

30 Para meu espanto, aquilo que eu pensava ser uma preciosa carga era na verdade um carregamento de escravos mouros, mais negros do que breu, envoltos em estranhos panos, que emergiram do porão assim que seus carcereiros foram capturados por nós. Foi triste ver aqueles escravos escaparem para o tombadilho e não conseguirem abrir os olhos. A luz do dia os cegava, pois estavam há dias e dias encerrados no porão escuro. Nossos soldados, pelo que percebi, mataram grande parte da tripulação do navio português e tomaram toda a provisão de alimentos, o que nos alegrou bastante. Foi trazido a bordo, também, o piloto português, um homem escuro e seco, com rou-

pas muito engraçadas e desabotoadas, que passou a ajudar nossos pilotos.

Depois que toda a comida foi trazida para o Leicester, o que vocês pensam que *sir* Cavendish mandou que fizessem? O navio foi queimado com todos dentro. E eu me refugiei em um canto lá embaixo, junto ao porão, para não ouvir os gritos daqueles que se jogavam ao mar ou que eram queimados pelas chamas.

A comida amalhada, como era de esperar, não chegou até os grumetes, como eu, ou aos reles marinheiros. Continuamos morrendo de fome e de sede. Mas Deus ouviu nossos pedidos e nos brindou com um milagre. Os navios foram cercados por peixes voadores, que vi com meus próprios olhos, e esses peixes se jogavam no tombadilho aos montes. Era uma verdadeira chuva de peixes! Nesse momento, houve uma grande confraternização entre os homens e logo vários fogões foram acesos e pudemos comer uma refeição, repartida entre todos. Para completar nossa felicidade, caiu uma chuva fresca, com a qual enchemos várias vasilhas e assim pudemos matar nossa sede.

Placência, a ilha



*P*oucos dias depois, finalmente, atingimos o Novo Mundo. Ancoramos ao largo de uma ilha encantadora², coberta por uma vegetação muito verde. O mar ali era inteiramente transparente e coalhado de peixes, mas não tínhamos permissão para pescar. Os botes foram mandados a terra, mas nem todos puderam desembarcar. Eu ficaria ali no navio, morrendo de fome e de sede, não fosse a ajuda, mais uma vez, de Andrew Towers. Eu

² *Placência*: nome pelo qual era conhecida a Ilha Grande, em Angra dos Reis, no atual estado do Rio de Janeiro, muito frequentada pelas frotas e navios ingleses durante o século XVI.

tinha muito medo dele e mais ainda agora depois que, sabe-se lá por que, ele tinha resolvido me ajudar. O que um médico, um homem de classe social elevada, poderia querer com um menino como eu, pobre, sem família e sem nome? Mas naquele momento não havia tempo para quebrar a cabeça com pensamentos, reflexões e perguntas desse tipo. O homem me agarrou pela roupa, me pôs dentro de um saco, onde quase morri sufocado, e me levou para terra.

34

Sinceramente, não sei se não seria melhor ter ficado no navio. Ao desembarcar na ilha, junto com os homens, presenciei as cenas mais assustadoras de minha vida. Tive vergonha de meu país, e tenho certeza de que a rainha Elisabeth estava sendo terrivelmente ofendida com tal comportamento. Nossos homens, desesperados pela fome, pela sede e pela doença, agiam como animais. As casas da ilha foram saqueadas e seus moradores atacados. Os homens também brigavam entre si, socando-se, matando-se por pedaços de carne, raízes, frutas, farinhas e outros mantimentos que encontra-

vam. Alguns morreram envenenados, pois tinham comido frutos desconhecidos e perigosos.

Fiquei sem saber o que fazer e me escondi atrás de uma pedra durante um dia e uma noite, tremendo de medo. A noite foi especialmente notável, para não dizer arrepiante. Sozinho ali, no meio da selva, na escuridão total, fui cercado não por feras ou por aparições, não vi nada, nem uma sombra se movendo, mas fui hipnotizado e paralisado pelos inacreditáveis sons que saíam das brenhas da noite, os mais estranhos ganidos, pios, grasnados, rosnados, silvos, rugidos, miados, agudos, graves, desesperados, agressivos, dementes, acuados, intermitentes, isolados, alguns quase humanos, outros monstruosos, uma multidão de animais desconhecidos protagonizando seus próprios terrores noturnos. Nunca me senti tão longe de casa quanto naquela noite, acompanhado pelos sons daqueles animais estrangeiros falando uma língua que parecia ter sido criada por um outro deus que não o meu.

No dia seguinte, quando percebi que as coisas tinham se acalmado, saí dali e encontrei, felizmente,

Christopher e Cosmus na praia. Eles tinham uma faquinha e faziam bifinhos de peixe cru, que comi com prazer. Passei alguns dias ali, com meus amigos, comendo, bebendo uma água deliciosa e explorando com eles a selva daquela ilha.

Aqui, quero contar a vocês as coisas maravilhosas que vi. Infelizmente não conheço nenhum dos homens que estive ali comigo e que ainda esteja vivo, ou de quem eu saiba o paradeiro, ou seja, não conheço nenhuma outra testemunha que possa dizer a vocês que tudo o que contarei aqui é verdade e não fruto da imaginação de um menino do mar. Em primeiro lugar, devo dizer que não achamos ali nem ouro nem prata, e não havia sinais de pedras preciosas. Aliás, mesmo aqueles que saquearam as casas não acharam sequer uma moeda, nada, nem uma reles moedinha falsa de metal barato. Aquelas famílias viviam ali sem nenhum dinheiro.

E essa foi a primeira coisa espantosa que observamos: a pobreza. O Novo Mundo, ao contrário de tudo o que eu tinha ouvido, não era uma terra rica. Tudo o que

eles tinham ali eram algumas ferramentas, algumas vasilhas (e a maioria era feita com frutos e madeiras da terra, nada de porcelana), anzóis, facas e cordas. Christopher e Cosmos me disseram que estávamos muito longe do ouro e que provavelmente, pelo modo como se desenrolava nossa viagem, nunca chegaríamos lá.

Mas, se não havia ouro ou prata, vi coisas maravilhosas, não sei se criadas por Deus ou pelo demônio, já que desde que cruzamos a linha do equador tudo era realmente novo e estranho. A começar pelas plantas. Havia ali folhas muito maiores do que um homem grande, folhas gigantescas, verdes e brilhantes, e uma impressionante quantidade de formigas de todos os tamanhos e cores possíveis que comiam ininterruptamente folhas e flores de todos os formatos, tamanhos e cores. Éramos devorados por pequenos insetos, que nos picavam todo o corpo, e alguns tão determinados que nos mordiam mesmo por cima da roupa, e suas picadas coçavam e nos deixavam inteiramente empolados. Chamavam-se mosquitos, mas logo aprendemos como evitá-los.

38

É uma terra de muitos monstros. O mais admirável é uma espécie de pequeno leitão, todo coberto de placas, como uma armadura, de forma que não parece um animal, mas uma escultura feita por um mestre ferreiro. Seu nome não é menos estranho do que sua aparência: tatu. Vi também uma cobra gigantesca, da grossura de um tronco de árvore, brilhante e gosmenta, e tão longa que, ao toparmos com ela, no meio da floresta, não tivemos coragem de seguir ao longo dela para ver se encontrávamos sua cabeça. Ela parecia um tronco caído e só percebemos que era um ser vivo quando se mexeu um pouco, e então Christopher e Cosmus me disseram para não pisar naquilo, pois era uma cobra.

Logo que saímos de perto da cobra, ouvimos alguém que nos chamava, com uma vozinha esganiçada e engraçada e um curioso sotaque. “Venham cá, venham cá”, dizia a vozinha. E fomos atrás dela até encontrarmos seu dono. Nosso espanto foi enorme ao nos depararmos com um papagaio. Christopher e Cosmus se olharam com os olhos arregalados – pelo menos com os olhos mais ar-

regalados que conseguiam –, e me disseram que nunca tinham visto um papagaio falar inglês naquelas terras.

Eu já tinha visto papagaios em Plymouth que, ensinados por marinheiros ingleses, obviamente falavam inglês. E se não fosse por Christopher e Cosmus, que conheciam a língua portuguesa, língua falada naquela parte da América, eu nunca teria prestado atenção ou me espantado com o fato de um papagaio falar inglês em uma ilha do Brasil. Quem havia ensinado aquele papagaio? Por acaso havia ingleses perdidos naquela ilha?

Nossa curiosidade seria satisfeita alguns passos adiante, quando topamos com um homem inteiramente nu, com longos e desgrehados cabelos que felizmente lhe cobriam parte do corpo, e que não era moreno como os habitantes daquela terra, mas pálido – apesar de bem queimado de sol – e com enormes olhos azuis. Imediatamente reconheci de onde era aquele selvagem. Era exatamente igual a uma gravura que eu havia visto em Plymouth, uma gravura que um amigo meu roubara de um comerciante de papéis.

Essa gravura era o desenho, tirado pelo natural, de um selvagem irlandês. Os irlandeses selvagens vivem em um território longínquo que pertence à rainha da Inglaterra, mas eu não sabia que esse território se localizava na América! Christopher e Cosmus, se não estivessem tão espantados, teriam rido da minha cara, mas apenas me disseram que não, que a Irlanda não ficava na América, mas na Europa, muito perto da Inglaterra, e que não entendiam o que aquele homem estava fazendo ali.

40

O papagaio pertencia a ele e, como vimos depois, também falava irlandês. Na verdade, aquele papagaio falava pelo menos quatro línguas: tupi, o idioma dos índios daquela terra, português, a língua dos europeus que eram os senhores da terra, inglês, que era a língua de seu antigo dono como viemos a saber, e, finalmente, irlandês, o idioma daquele pobre ser humano. Ao contrário do que eu supus, o selvagem não nos atacou, mas conversou conosco, em um inglês muito enrolado, deu-nos comida, e nos contou como viera parar ali.

Levou-nos até sua casa, que era uma gruta, fez algumas perguntas sobre nós e sobre a frota de *sir* Cavendish e, muito solenemente, tirou de dentro de uma bolsa um papel amarrotado. Era uma carta. Ele me pediu que, quando voltasse a Plymouth, entregasse a carta a Nicholas Sulk, dono da taberna Pinaça Negra – vejam só como o mundo é pequeno! –, que saberia o que fazer com ela. Concordei imediatamente e ele, então, remexendo novamente em sua bolsa, tirou de lá uma moeda de prata, pesada e verdadeira, como depois averiguaram Christopher e Cosmus após darem umas mordidas nela, e colocou-a na minha mão.

Finalmente, eu ganhava a minha primeira moeda de prata! E das mãos de um selvagem irlandês perdido na selva tropical! Confesso que, depois disso, passei a ter muita simpatia pela Irlanda, apesar de tudo o que eu já tinha ouvido falar sobre lá, coisas muito feias, aliás. Anos depois vim a saber que todas essas coisas feias eram uma espécie de propaganda, uma série de histórias que nos contavam para que nós, meninos ingleses, não

gostássemos dos irlandeses e apoiássemos as guerras que a Inglaterra mantinha contra aquele país.

42 Depois de bem alimentados pelo selvagem irlandês, e com aquele delicioso peso da moeda de prata no bolso, decidimos tentar encontrar alguns compatriotas e nos reunir com a tripulação. Àquela altura, os homens já deviam ter se acalmado, conseguido comida suficiente para encher as suas famintas panças e parado de agir como animais. Christopher e Cosmus foram na frente, como guias de nossa pequena expedição, eu os segui alegre e docilmente, e confesso que aquele foi um dos momentos mais felizes da minha vida: estava bem alimentado, tinha dois ótimos amigos, caminhava livremente no meio de uma espantosa floresta e, inacreditavelmente, tinha no meu bolso uma enorme e verdadeira moeda de prata. E tudo isso em meus primeiros dias na América! A sorte realmente estava ao meu lado!

Não é preciso que vocês saibam qual foi o nosso lanche naquele dia, pois andamos tanto pela floresta e ficamos tão exaustos que, novamente famintos, precisa-

mos achar algo para comer, e eu, confiando plenamente em meus amigos, vi quando eles começaram a vasculhar certos bambus e dentre as verdíssimas folhas retiraram uns animais brancos e roliços, como pequenas salsichas, mas eram salsichas com patinhas, gordinhos animais esbranquiçados que não chamarei aqui de vermes para não revoltar os seus delicados estômagos. Mas preciso dizer, com todas as letras: aqueles vermes brancos e gordinhos eram deliciosos, muito melhores do que o ensopado de porco da Pinaça Negra.

Comemos também uma estranhíssima fruta, cheia de espinhos e duras folhas dispostas como armas, que depois de descascada e de nos revelar um miolo amarelo e sumarento, inundava o ar com um cheiro formosíssimo e seu gosto era o do açúcar mais refinado. Chamava-se pinha, como me contaram Christopher e Cosmus, mas os portugueses a chamavam de abacaxi, e os índios, de naná. As refeições da selva eram surpreendentemente boas, para meu total espanto. Naqueles dias, tinha comido muito melhor do que em toda a minha vida na

Inglaterra! O que eu não sabia, porém, mas em breve iria aprender, era que, naquela terra, nós, europeus, podíamos também virar uma refeição.

Para dizer a verdade, Christopher e Cosmus não eram assim tão experientes como queriam parecer. Estávamos ali, no meio da selva, em uma ilha, queríamos encontrar a tripulação, mas não conseguíamos chegar à praia. Minha sensação era de que estávamos andando em círculos, pois eu já tinha visto pelo menos umas cinco vezes aquela enorme cobra, estendida no chão, imóvel como um galho. Mas não disse nada a eles, para não decepcioná-los.

A noite começou a cair, e aqueles estranhos barulhos de animais desconhecidos começaram a encher o ar a nossa volta, e nos olhamos, meio apavorados. Resolvemos parar e decidir que caminho tomar, mas, no momento em que estávamos tirando a sorte para decidir quem seria o guia, ouvimos um horripilante rugido, como o de uma fera selvagem, e nosso pavor foi tão intenso que saímos correndo desabaladamente, eu na frente, como um guia apavorado, até que chegamos a um descampado onde havia uma enor-

me casa, comprida como um arsenal (aquele enorme prédio onde se constroem e se consertam os navios) e coberta por um telhado feito de longas folhas grossas.

A casa estava cheia de redes, dispostas em filas, e não havia ninguém lá. O descampado em torno da casa também era grande, e abrigava potes e provisões de milho e de mandioca, que vem a ser uma raiz feia mas saborosa, mais gostosa do que batata. Christopher e Cosmus me explicaram que aquilo era uma cidade de índios, mas não entediam por que não encontramos ninguém lá. Percebemos que havia alguns potes quebrados e coisas espalhadas pelo chão, como se todos tivessem saído de lá com muita pressa. Acendemos uma pequena fogueira dentro daquela enorme casa e dormimos nas redes, que são as camas deles e ficam penduradas.

Como dormiam bem aqueles índios! Afinal, não eram tão selvagens assim! As suas camas eram tão macias e suaves! Dormi ali uma excelente noite, sem nenhum medo, e tive agradáveis sonhos, com belas praias, aves coloridas, bolos, biscoitos, e acordei muito bem-disposto.



Os homens-pássaro

*P*ela manhã, fomos explorar aquela cidade de índios. Dentro da casa, além das redes, descobrimos também pequenos animais, domésticos e afáveis, redondinhos e simpáticos, que Christopher e Cosmus conheciam bem e disseram se chamar pacas. Meus amigos, aliás, pegaram alguns daqueles animaizinhos e puseram em seus sacos, tencionando comê-los mais tarde, o que muito me horrorizou. Encontramos alguns milhos defumados, realmente saborosos, e do lado de fora estavam grandes potes cheios de um espesso líquido. Peguei

uma cuia, que é o copo deles, e bebi um pouco daquele mingau ralo, ácido e picante, e logo em seguida minha cabeça começou a rodar, senti estranhas sensações e tive vontade de vomitar.

48

Sentei-me no chão, atordoado, e fui cercado por uma pequena multidão de galinhas que ciscavam por ali. Christopher e Cosmus riam de mim, riam tanto que lágrimas saíam de seus olhos, mas seu riso durou pouco tempo. Da selva saíram três estranhas figuras. Tinham forma humana, mas seu corpo era coberto de penas coloridas. Tinham cabeça, tronco e membros, olhos, boca, nariz, pés, mãos, mas nenhum cabelo, e penas de três diferentes cores cobriam-nos dos pés à cabeça. Mudos e estáticos, Christopher e Cosmus em pé e eu no chão, cercado pelas galinhas, observamos como se dirigiam até nós, passo a passo. Nas costas levavam arcos e flechas, nas mãos carregavam um tacape com o qual poderiam esmagar nossos crânios com facilidade. Imediatamente, minha cabeça parou de rodar, e me senti perfeitamente lúcido, esperando meu momento final, meu derradeiro

encontro com a morte, pensei rapidamente se minhas ações ao longo da vida tinham sido mais boas do que más, para que eu pudesse ir para o paraíso, caso contrário, em breve estaria no inferno, pensando no fogo eterno e sendo espetado pelo tridente de cem diabinhos.

Christopher e Cosmus, mesmo tremendo muito, tanto que eu podia ouvir seus dentes chacoalhando, foram muito corajosos e fizeram uma saudação aos homens-pássaro, em uma língua para mim desconhecida. Disseram-me depois que era tupi, a língua dos índios. Mas aquela saudação produziu um efeito contrário ao que esperavam. Os homens-pássaro passaram a agitar seus tacapes e a emitir estranhos e apavorantes urros e vieram correndo em nossa direção. Naquele momento, meu pavor foi tão grande que perdi os sentidos e só soube o que aconteceu horas depois, quando acordei e Christopher e Cosmus me contaram tudo.

Ao me verem desmaiar, os homens-pássaro assustaram-se e mudaram de atitude. Parece que eu deitei e comecei a ter uma espécie de acesso, me contorcendo

como uma minhoca ameaçada. Ao ver aquilo, eles logo baixaram as suas maçãs e se aproximaram vagarosamente. Quando o meu acesso terminou, eles me pegaram no colo, chamaram Christopher e Cosmus, e nos levaram para uma canoa, na qual percorremos um belo riacho cercado de exuberante vegetação. Quando acordei, estava deitado no fundo da canoa e ao olhar para cima vi todos aqueles galhos verdes que passavam rapidamente, e os raios de sol que saíam dentre os galhos pareciam flocos de ouro voando entre a folhagem em movimento.

Os homens-pássaro me trataram muito bem e nos levaram para a cidade deles, que era bem diferente daquela cidade indígena na qual havíamos dormido. Eram pequenas cabanas, muito juntas umas das outras, dispostas sobre um pequeno descampado. O que muito nos espantou foi que os índios que ali estavam não usavam penas.

Só entendi o meu engano quando uma criança começou a arrancar as penas de um dos nossos captores

e então percebi que eram coladas. Aquela estranha vestimenta de penas era uma forma de eles se prepararem para a guerra, como vim a saber depois. Eles eram seres humanos como nós! Não havia homens-pássaro na América! Mas pelo menos a minha ilusão tinha salvado a minha vida. Se eu não tivesse ficado tão apavorado, se não tivesse desmaiado e tido aquele ataque, talvez tivesse sido morto e não estaria aqui agora para contar a história. Mas devo confessar que, algumas vezes, contei essa história de uma maneira bem diferente, omitindo o meu acesso e a descoberta final, e deixando minha plateia extasiada com a história dos homens-pássaro da América.

Não sabíamos o que aqueles índios iam fazer conosco, mas nos olhavam com simpatia. Quando estávamos sendo levados pelo meio da aldeia, vimos quatro homens de nossa tripulação saindo, amarrados, de dentro de uma das casas, e ao nos verem começaram a gritar por socorro, como se nós, meninos, pudéssemos ajudá-los. Mas os índios que os levaram começaram

a lhes dar uns cascudos e uns beliscões, rindo muito deles, e os levaram diretamente para outra casa. Christopher e Cosmos me olharam com uma expressão esquisita, e depois me explicaram tudo.

Era mesmo verdade aquilo que eu ouvira na Inglaterra. Os índios daquela parte da América eram devoradores de homens, eram – como diziam os homens educados – canibais. Não que eles comessem como nós fazemos no almoço ou no jantar, cozinhando numa panela e depois servindo em um prato sobre a mesa. Nada disso. Para começar, eles só comiam os seus inimigos. Ou seja, quando havia uma guerra entre eles – e eles estavam sempre em guerra –, capturavam os inimigos, levavam-nos para suas aldeias, e faziam uma festa, uma cerimônia complicada, com discursos e danças, e então matavam os homens capturados, cortavam-nos em pedaços, punham para assar em umas estacas estendidas sobre uma fogueira, e depois comiam. E é preciso dizer que as vítimas faziam um discurso orgulhoso, antes de morrer, e juravam se vingar. Era uma

morte honrosa, heroica, como morrer na guerra ou morrer lutando pela rainha e por nosso país. Portanto, eles só comiam os inimigos durante a festa especialmente feita para isso. Não era uma comida corriqueira, daquelas que a gente come no almoço e no jantar.

Pelo que parecia, os homens da nossa tripulação tinham atacado aqueles índios e por isso estavam ali presos, como inimigos. Deveriam ser comidos em uma festa especial, mas não acredito que seriam capazes de fazer algum bom discurso; o mais certo é que fariam um grande escarcéu. Para eles, com certeza, não seria nenhum orgulho acabar daquela maneira, na barriga daqueles guerreiros. Mas, pelo que eu conhecia de nossos homens, e pelo comportamento selvagem que tiveram ao desembarcar, devem bem ter merecido aquilo – não digo que merecessem ser comidos, mas mereciam sim ser presos por mau comportamento.

Enquanto eu pensava essas coisas só para mim, nossos anfitriões emplumados nos fizeram entrar em

outra daquelas casas e, ao entrarmos lá, quase não conseguimos enxergar nada, pois estava muito escuro e esfumaçado. Quando nossos olhos começaram a se acostumar com a escuridão, pudemos ver um velho índio, sem nenhuma pena no corpo, mas com um belo chapéu de plumas coloridas, que eles chamam de cocar, e uma série de belos colares e adereços espalhados pelo corpo. Esse respeitável senhor estava debruçado sobre um homem deitado, que parecia doente, e mexia sobre ele um chocalho, que fazia um barulho alto e ritmado, e na outra mão tinha um enorme charuto de onde sugava fumaça e depois a soprava sobre o pescoço do homem deitado.

54

Foi um espetáculo impressionante, naquele ambiente escuro e esfumaçado, aqueles dois homens, um deitado e outro em pé, envolvidos em uma prática estranha, assim como era estranho o som ininterrupto e ritmado daquele chocalho. Começamos a ficar tontos e um pouco hipnotizados, tanto pela fumaça do tabaco quanto pelo som contínuo daquele exótico objeto que o respeitável senhor agitava sem parar.

Mas, subitamente, tivemos uma espécie de choque, que nos trouxe de volta ao nosso perfeito sentido, pois divisamos, numa parte mais escura da casa, e logo ao lado do respeitável senhor, uma pessoa que conhecíamos muito bem. Era Andrew Towers, o médico, em pessoa! Ali estava ele, impassível, em pé, ao lado do índio, como se fosse um velho conhecido dele, e seus olhos nos olhavam com tal intensidade que pensei que iam pular das órbitas.

Pelo jeito, ele estava tão surpreso em nos ver como nós em vê-lo. Realmente, um encontro inusitado. Ainda esperamos pelo menos uma hora, ali de pé, enquanto toda aquela esfumaçada prática acontecia, até que o velho índio se inclinou mais sobre o homem deitado, pôs a mão na sua garganta e tirou dali alguma coisa muito estranha e gosmenta. Tentei não vomitar, pois percebi que minha vida ali dependia de um comportamento perfeito. Mas valeu a pena.

Quando tudo terminou, nossos anfitriões emplumados nos apresentaram ao pajé – era assim que

chamavam o médico indígena –, contaram uma história sobre nós, que obviamente não entendemos, e, antes que o pajé se manifestasse, Andrew Towers fez o que nos pareceu ser um belo discurso na língua indígena – esse homem era cheio de surpresas! – e veio andando em minha direção até colocar os braços sobre os meus ombros, como se me protegesse. E assim fomos salvos.

56 Depois ele nos explicou tudo – o que era um comportamento raro, pois quase não nos dirigia a palavra. O que ele disse foi o seguinte: quando desmaiei, os homens-pássaro – que como eu disse nada tinham de pássaros – pensaram que eu estava encarnando algum espírito de um dos antepassados deles, porque durante o acesso meu corpo ficou se contorcendo exatamente como esse espírito, e então resolveram me levar até o pajé, que além de médico era uma espécie de sacerdote, ou seja, era quem se comunicava com os deuses e espíritos. E essa foi a nossa sorte. Se não fosse o meu acesso, teríamos sido levados para a aldeia, mas para aquela outra casa, onde os nossos conterrâneos aguardavam a

morte. Andrew Towers, ao ouvir aquela história de espíritos contada pelos homens-pássaro, dissera ao pajé que eu era um aprendiz de médico – e de feiticeiro –, e essa explicação fez com que fôssemos tão bem tratados quanto o próprio Towers. Mas o que ele nunca nos contou é como ficou tão amigo assim do pajé enquanto os outros ingleses estavam presos em uma casa esperando a hora de serem comidos.

À noite, todos se reuniram na praça central com grande solenidade. A noite vista dali era uma imensidão negra pontilhada por infinitas estrelas. Da floresta, vinha com as rajadas de vento morno um cheiro de perfume, milhares de ruídos desconhecidos preenchiam o ar, e um dos homens destacou-se entre os outros e começou a falar. Primeiro, dirigiu-se a Andrew Towers, que, como percebemos, tinha ganhado o respeito e a admiração de toda a aldeia, e fez uma reverência e um discurso que parecia ser de agradecimento. Em seguida começou a contar uma longa história. Não entendíamos nada, mas podíamos perceber mais ou menos o clima.

Tratava-se de uma história sobre o começo do mundo, e todos prestavam muita atenção. Mais do que um discurso, era uma espécie de canto, de música, e mesmo não compreendendo as palavras nós ficamos enfeitiçados pelo ritmo, pelos sons e pelas ideias que provocavam em nossa mente. Eu nunca tinha vivido nada parecido. Já tinha visto apresentações de teatro nas ruas de Plymouth, já tinha ouvido discursos, principalmente de bêbados na Pinaça Negra, tinha visto cultos em igrejas, mas nunca nada tinha me provocado aquelas emoções. Parecia que eu estava nascendo de novo, me renovando e me tornando mais leve e pronto para tudo. Mas talvez fosse só impressão. Quando dei por mim, estava dentro de uma das casas, em uma rede. Devo ter dormido antes do final da história.

Andrew Towers já estava pronto para partir. Por cima de sua roupa pendiam belos colares indígenas de variadas cores, e ele levava nas costas um enorme arco e uma aljava com flechas. Com certeza eram os presentes que tinha ganhado dos habitantes da aldeia.

Vi quando o pajé lhe deu um coco, nada comum, mas montado sobre uma ave feita de prata – quero dizer que o coco era envolvido por essa ave de prata, cuja cabeça na verdade era a de um dragão com os dentes à mostra; nas laterais ficavam as asas e na parte debaixo os pés, com grandes garras, de forma que seria possível pôr o coco em pé, apoiado sobre essas garras. Tratava-se de um objeto extremamente precioso e percebia-se que não tinha sido feito por aquela tribo. Era um trabalho estrangeiro.

Christopher e Cosmus estavam de queixo caído e me disseram depois que aquilo era um coco mágico das Maldivas. Esses cocos das Maldivas vinham do fundo do mar, das profundezas, e serviam como antídoto contra os piores venenos. Quando eram assim encastoados em prata valiam uma fortuna, e era espantoso um coco daqueles, vindo do mais remoto Oriente, de uma ilha que ficava a milhares de milhas dali, ter ido parar no interior de uma ilha naquela parte pouco conhecida da América. Como um coco

encastado em prata feito nas ilhas Maldivas poderia ter chegado à remota ilha de Placência, na costa leste da América do Sul?

60 Fomos acompanhados por alguns homens da aldeia floresta adentro, e durante a caminhada eles foram muito atenciosos, nos mostraram a árvore de onde vinha aquele delicioso perfume e que depois vim a saber que se chamava canafístula. Riram muito de nós quando ficamos de boca aberta diante de um estranho e disforme animal, cujo corpo, esguio e alongado como macaco, era coberto de pelos compridos. Seu rosto era longo e estranho, tinha enormes garras, e movia-se muito vagarosamente, diziam que levava oito dias para subir numa árvore, e não duvidei por nenhum instante dessa afirmação. Era realmente um bicho lentíssimo e muitíssimo feio, que os portugueses chamavam de preguiça.

Vimos também um animal curioso, com uns pelos compridos e esticados, um focinho longo e fino, cujo corpo era grande e alongado, e que tinha uma enorme língua. Pois bem, esse animal, chamado tamanduá,

é perigoso e pode atacar com suas unhas duras e compridas, mas, para nosso espanto, soubemos que só come formigas. É por isso que tem a língua tão comprida. Ele se aproxima de um formigueiro, estica a língua como uma ponte, as formigas simplesmente vão andando em direção a sua boca, e assim ele se alimenta.

Christopher e Cosmus me contaram que já haviam comido um certo tipo de formigas, crocantes e gostosas, que só apareciam em uma determinada época do ano, em uma revoada. Dei graças a Deus por não ser a época delas, pois não me animava nem um pouco a provar essa iguaria selvagem. Estávamos entretidos com essa conversa, quando vimos no chão uma linha negra que nos chamou a atenção. Tratava-se de uma fila de formigas gigantes, uma fila tão grande que se perdia floresta adentro, e o mais curioso era que o caminho dessas formigas tinha aberto uma comprida clareira, como uma rua. Eram realmente enormes aquelas formigas, como também eram gigantescas as folhas daquela selva, e as árvores quase tocavam o céu – ou pelo menos nos impediam de ver o céu.

Tendo se despedido de nós com amabilidade e cortesia, os índios voltaram selva adentro e nós seguimos Andrew Towers, que nos levou diretamente para a vila onde estava a tripulação. Felizmente, a frota ainda estava ancorada lá. Iam partir no dia seguinte e estavam já mais calmos. Todos os habitantes do lugar tinham fugido, e continuavam escondidos no mato, e várias casas tinham sido incendiadas pelos nossos. Tudo o que podia ser comido já tinha sido levado para os navios, e os homens que ficaram em terra eram os piores, e estavam completamente embriagados. Tivemos que passar a noite na companhia desses salafrários, mas ninguém mexeu conosco porque estávamos com Andrew Towers, por quem todos tinham não só respeito mas também temor.

No meio da noite aconteceu a coisa mais extraordinária. Acordamos em extrema aflição, com o corpo inteiramente negro. Aquilo ardia e coçava mais do que tudo, e nossa pele queimava desesperadamente. Como era lua cheia, pudemos enxergar milhares de pequenos

pontos negros grudados em nossos corpos. Tentamos esfregar as roupas em nossa pele, mas aquilo não saía. Desesperados, tivemos que nos despir inteiramente e saímos correndo para o mar, onde passamos o resto da noite, imersos até o ombro. Era a única forma de escapar daquele enxame de minúsculos mosquitos. Nunca tinha ficado tanto tempo dentro d'água, e quando o sol nasceu e saímos do mar, minhas mãos e pés estavam tão enrugados que parecia que iam se desfazer ou apodrecer. Aquela terra era cheia de surpresas, e esta fora uma das mais desagradáveis.



*Santos,
a vila*

*P*artimos naquela mesma manhã. Pela movimentação em nosso barco, comecei a pensar que iríamos participar de alguma guerra. As armas estavam sendo limpas e preparadas, os homens da artilharia atarefados e as balas dos canhões já postas no convés. Naquele mesmo dia nos aproximamos da vila que seria atacada. Era véspera de Natal. O capelão fez-nos um sermão, e um ofício luxuoso foi celebrado na cabine de *sir* Cavendish. No dia seguinte, os botes foram preparados. Quando estavam prontos

para descer, resolvi que eu não poderia deixar de ver de perto uma guerra. Então fui engatinhando até um dos botes e consegui me esconder ali, debaixo de uma tábua. Quase morri sufocado, e quando chegamos a terra, se um dos soldados não ouvisse minhas batidas, eu teria ficado preso ali. Vi quando os homens saíram correndo em direção à igreja. Fiquei atrás de uma árvore, com medo de levar um tiro. Mas a tão esperada guerra não aconteceu. Nenhum tiro foi disparado naquele momento. Foi tudo muito fácil para os nossos homens. Toda a população daquela cidade estava na igreja, em uma celebração natalina, e quando os nossos entraram ali não tiveram como resistir.

Poucas horas depois, grande parte da frota já tinha desembarcado. No dia seguinte *sir Cavendish* veio a terra pela primeira vez. Hospedou-se em um luxuoso palácio dos religiosos do lugar. Eu fiquei em uma ótima casa com Christopher e Cosmus. Era uma casinha nas bordas da vila, perto de um

rio de água límpida. Ficamos por ali muito tempo. Dessa vez não ousei me aventurar pela selva. Já bastava o que tinha passado na ilha. A casinha era rodeada por uma plantação de mandioca, raiz bem conhecida pelos meus amigos. Era só tirar da terra e cozinhar. Tínhamos também uma galinha, que punha deliciosos ovos. Quando chegamos na casa, havia muitas galinhas, mas os servos de *sir* Cavendish vieram e levaram todas, com exceção desta que Christopher e Cosmus esconderam. Numa matinha ali bem perto, caçávamos aves pequenas e saborosas, como perdizes. Tínhamos também deliciosas frutas, como o naná, e uma cerejinha toda feita em gomos e com um gosto um pouco ácido, conhecida como pitanga.

Passamos aqueles dois meses na vila de Santos como reis. Ninguém queria saber de nós e podíamos fazer o que queríamos. Nada de ser mandados. Nós fazíamos as nossas próprias regras, e a primeira delas era a seguinte: sem regras! Pescávamos no rio, brincá-

vamos com os passarinhos, perseguíamos sapos, comíamos quando bem queríamos, corríamos pela praia, caçávamos caranguejos, e o calor era tanto que tomávamos banhos de rio. E não ficamos doentes com os banhos diários! Na Inglaterra, todos sabiam o quanto os banhos podiam causar doenças e até a morte. Mas ali, nos trópicos, os banhos eram refrescantes e faziam bem à saúde!

68

Infelizmente, porém, tinha chegado o momento de partir. E aqueles dois meses maravilhosos terminaram para dar lugar a um dos períodos mais turbulentos da minha vida. Mas antes de continuar, preciso contar a vocês um fato inesperado que aconteceu em nosso último dia na vila de Santos. Aquele foi um dia de sorte. Christopher e Cosmus resolveram me ensinar a plantar mandioca. Por incrível que pareça, o método consistia em cortar pequenos pedaços do caule, como toquinhos, e enfiá-los no chão. Mesmo não acreditando muito na eficácia daquilo, mas resolvido a entrar na brinca-

deira, cortei alguns gravetos e começamos a abrir covinhas no chão.

Quando comecei a cavar, percebi uma região da terra muito mais fofa do que a outra. Aquilo me intrigou. Continuei cavando, facilmente, até encontrar um saquinho de veludo, já mofado e úmido, e dentro dele havia um pequeno tesouro: uma meia-calça grossa, em perfeito estado, que com certeza era inglesa, uma fivela de cinto, de um estilo nobre e refinado, feita de um metal que não conseguimos identificar, um belo alfinete também em perfeito estado e um dente grande e afiado que Christopher e Cosmus me disseram ser um dente de tubarão. Objetos tão inesperados! Enterrados ali, entre os pés de mandioca, perto de uma casinha muito simples. Deviam ser as coisas mais preciosas do dono daquela casa. O que eu não sabia é que em poucas semanas esse curioso e inusitado tesouro salvaria a minha vida.

Christopher e Cosmus não acharam nenhum tesouro, mas levaram a bordo a pequena galinha,

70 escondida entre suas roupas folgadas, e me explicaram que ter uma galinha em uma viagem marítima era a maior riqueza que um homem poderia esperar, pois, por maior que fosse a tempestade, por mais que fizesse um sol escaldante ou um frio de morte, ela não deixaria de alimentar seu dono com um ovo fresco todos os dias. E Christopher e Cosmus não se importavam de dividir um ovo. A galinha era muito discreta e não chamou a atenção da tripulação, e de fato todos os dias Christopher e Cosmus comiam um ovo e se sentiam, por isso, em plena saúde. Apegaram-se muito ao animalzinho e ela a eles, e, espantosamente, a galinha me pareceu ter ficado com os olhinhos ligeiramente puxados, por uma estranha lei das afeições, como a demonstrar o seu irrestrito amor por eles.

Todos os dias, Christopher e Cosmus, além de comerem seu ovo fresco cozido, frito ou mesmo cru, ou quase cru, alimentavam-na com farelos de biscoito e outros restos que surrupiam. Ela vivia quase

todo o tempo entre as roupas deles e em alguns momentos andava pelo convés, tomando a brisa marítima, ou no porão, para exercitar as pernas. Era uma amizade tão bonita que confesso ter chegado a sentir ciúmes da galinha...

*A caminho
do estreito*



O prosseguimento da viagem foi muito agradável, o clima estava ameno, no céu o sol brilhava entre brancas nuvens, e o navio quase voava, carregado de comida. Eu estava mais feliz do que nunca, com minha moeda de prata no bolso, uma carta de um irlandês selvagem e ainda os preciosos objetos daquele pequeno tesouro. Christopher e Cosmus tinham feito para mim um lindo cinto com a fivela, com o alfinete eu preendi o saco de veludo dentro de meu bolso, e dentro do saco iam todos os meus

pertences, resultado de minha primeira parada na América. Se tudo tinha começado assim, era bem capaz de eu realmente voltar para casa rico, pois esse era apenas o início da viagem, íamos ainda dar a volta ao mundo! Aquela tinha sido uma simples parada de abastecimento!

74

Agora nossa frota seguia para o extremo sul do continente, para atravessar o Estreito de Magalhães, uma espécie de labirinto, uma série de caminhos cruzados bem na ponta do continente. Da primeira vez que passara por ali, *sir* Cavendish tinha demorado alguns bons meses para conseguir sair do outro lado, no Mar do Sul (também chamado de oceano Pacífico). E dali começaríamos a subir o continente até chegar ao Peru! O Peru! A terra das infinitas riquezas! As histórias que eu já tinha ouvido eram incríveis! Havia montanhas de ouro, prédios de ouro, salas cheias de ouro, enormes joias de ouro maciço. O Peru era uma espécie de terra prometida do ouro. Era difícil acreditar que existia um lugar assim. Mas agora, depois

de ter visto os índios da América, seus hábitos e cantos hipnóticos, de ter visto aqueles estranhos animais e até um irlandês selvagem, eu começava a achar que tudo aquilo era verdade.

O difícil, eu pensava, seria conseguir desembarcar em uma terra assim. Com certeza, *sir* Cavendish proibiria a todos de sair dos navios para ficar com todo o ouro só para ele. Christopher e Cosmus já tinham passado por lá e me disseram que era muito difícil desembarcar, até mesmo para *sir* Cavendish. O Peru era muito bem guardado pelos espanhóis, que eram os donos da terra e atacavam quem se aproximasse. Mas nosso almirante devia ter seus planos. Quem sabe ele não faria o mesmo que fez em Santos e conseguiria tomar posse da cidade em algum dia especial, quando todos os habitantes estivessem na igreja?

O meu ânimo era dos melhores, havia comida todos os dias, eu trabalhava muito e era maltratado, mas com isso eu já estava acostumado, e nem me im-

portava quando por acaso *sir* Cavendish aparecia com um daqueles ataques de fúria e chutava o que estivesse diante dele. Christopher e ~~Cosmus~~, entretanto, estavam muito preocupados e começaram a surrupiar pedaços de vela e de cordas e a costurar uma espécie de roupa interior. Dentro de suas vestes, tinham guardado alguma palha, e disseram que eu devia me preparar para o pior.

76 Estávamos nos dirigindo para os estreitos na pior época. Ali, naquela parte do mundo, era inverno, e quanto mais para o sul fôssemos, mais frio iria ficar. Pensei que os dois estivessem errados, pois quem iria dizer que dois meninos vindos do outro lado do mundo iriam saber mais do que um almirante que já havia dado uma volta ao mundo, um nobre inglês venerado por todo o país? Mas, por incrível que isso possa parecer, Christopher e Cosmus estavam certíssimos. Alguns dias depois, uma tempestade nos pegou, e os ventos eram tão fortes, o mar tão alto e revoltoso e o frio tão extremo que logo toda a comida estragou,

os homens começaram a congelar e alguns morreram de frio. Infelizmente, a galinha de Christopher e Cosmos também morreu, e eles ficaram tristíssimos. Mas eram os mais bem preparados, com suas roupas grossas feitas especialmente para a ocasião, e com palha sob a roupa que não deixava o frio chegar até a pele. Eu também não estava malservido. Vesti as meias-calças inglesas por baixo da roupa e, como eram muito compridas para mim, cortei um pedaço delas e fiz uma espécie de camisa que vesti por baixo de tudo e preendi com o alfinete. Graças a essa meia-calça e ao alfinete, não morri.

A tempestade durou vários dias e, após um breve intervalo, foi seguida por outra, tão forte quanto a primeira. Nossa tripulação chegou ao fim das tormentas enfraquecida e desesperada. Vários homens estavam com os pés, as mãos ou os narizes congelados. Vi com meus próprios olhos quando Peter Robinson se assoou e parte do nariz dele caiu em sua mão. Outros perderam pedaços da orelha, e ainda

78

outros, como o carpinteiro John Heath, perderam dedos dos pés. Vez por outra, *sir* Cavendish vinha ao passadiço e gritava com todos. Os moribundos começaram a ser jogados ao mar. Havia quinze homens da artilharia muito doentes, e o médico encarregado dessa parte da tripulação estava fazendo de tudo para curá-los. Mas *sir* Cavendish viu quando o médico deu a esses homens uma sopa quente e ficou furioso. Seu lema era não desperdiçar comida e mantimentos com moribundos. O que ele fez foi terrível. Mandou os soldados irem até o continente em um bote procurar provisões. Os homens, mesmo muito doentes, obedeceram e cumpriram o seu dever. Quando o bote chegou ao continente, *sir* Cavendish ordenou que a frota seguisse viagem, e aqueles moribundos foram abandonados ali, em uma praia congelada e varrida por ventos cortantes.

Passávamos por um momento extremo. Eu só estava vivo por causa da meia-calça e da galinha, que Christopher e Cosmus tinham cozinhado na água do

mar, com tripas e tudo, e que comíamos aos poucos. Como o frio era enregelante, a carne da galinha não estragava e ficava até meio congelada. Christopher e Cosmus começaram a comê-la pelos pés. Graças a Deus as galinhas não têm três pés, se não eu seria obrigado a comer um!

Setebos, o gigante



Nossa situação era desesperadora. Quase não havia homens em condições de manejar o navio. Estavam todos muito fracos e doentes. *Sir* Cavendish deve ter percebido que, se continuasse a jogar ao mar ou a abandonar os homens doentes, em breve não teria mais marinheiros e teria que se virar com os senhores e nobres, que ficavam em suas cabines comendo do bom e do melhor, bebendo vinhos finos, e que provavelmente não sabiam a diferença entre a vela mestra e a bujarrona.

Diante desse panorama sombrio, ele tomou a única decisão sensata da viagem: ordenou que parássemos no próximo porto seguro. O piloto estava em frangalhos e parecia perdido, mas tínhamos a bordo outros homens que haviam feito aquela viagem – em melhores condições, é claro – e que o ajudaram a tomar o rumo da terra dos gigantes. Quando ouvi dizerem aquilo, “terra dos gigantes”, tremi por dentro e logo pensei que não escaparíamos com vida. Se esses índios gigantes também fossem canibais, como haveríamos de escapar deles? Seria impossível.

82

Portanto, foi com um misto de alegria e medo que vi nossa frota se aproximar de um porto que parecia seguro e que graças a Deus estava abrigado da tempestade. Fazia frio e chovia, mas não com a violência do mar. Eu me escondi quando vi os homens entrando nos botes, pois não queria ser devorado por um gigante canibal. Já estava feliz em ficar no barco sem a tempestade. Mas, quando o último bote já estava descendo, Andrew Towers me descobriu no esconderijo, me puxou pelo colarinho e me empurrou para dentro do bote, onde também entrou.

Construíram uma espécie de casa um pouco afastada da praia, e ali os doentes ficavam jogados no chão enquanto os que estavam em melhores condições exploravam o território em busca de comida e água potável. Não tínhamos roupas adequadas para excursionar, pois estava tudo coberto de neve, mas Christopher e Cosmus eram muito jeitosos e fabricaram, em pouco tempo, umas botas de galhos e folhas e, com elas, conseguimos caminhar. Também conseguiram, não sei como, uma espécie de banha de algum animal, muito malcheirosa, que esfregamos no corpo e nos aqueceu.

O lugar era belíssimo, ao longe se viam as montanhas nevadas, muitas árvores e bosques cheirosos, além de uns animais que eram uma mistura de mula e cavalo, mas mais peludos, com orelhas em pé, muito bonitos, e andavam em bandos. O clima era duro: ventos fortes, muito frio e neve. Mas nada comparável ao pesadelo que enfrentamos no mar. A terra era fértil, os animais abundantes, mas aparentemente não havia gente ali. Também, pudera! Com um clima daque-

les quem resolveria morar ali? Aquela história de terra de gigantes devia ser conversa de marinheiros bêbados. E um deles, muito sóbrio, me disse que o próprio *sir* Francis Drake tinha visto os gigantes e contado à rainha sobre eles. Antes de Drake, Fernão de Magalhães, o português que tinha dado a primeira volta ao mundo, também tinha encontrado os tais colossos humanos. Mas agora verificávamos que aquela terra, na verdade, não era habitada.

84 O ar ali, mesmo frio, era revigorante. Os rios, cristalinos, azuis e verdes, estavam cheios dos peixes mais gordos que vi. Pescávamos e comíamos até nos fartar. Fomos nos familiarizando com o entorno e cada vez nos aventurávamos um pouco mais longe da casa. Em nosso quarto dia naquela região, resolvemos seguir um pouco mais o rio, atrás de um curioso animalzinho. Acontece que o esquilinho, ou seja lá o que fosse, entrou em um bosque, e estávamos tão animados com a correria que fomos atrás dele e nos afastamos bastante do rio.

Foi quando quase batemos em uma figura altíssima e larga, coberta com um imponente manto de pe-

les. Ele parecia mesmo um gigante! Tinha pelo menos quatro palmos a mais de altura que nós, e seus ombros eram também uns quatro palmos mais largos do que os nossos. Seu rosto não se parecia com o de ninguém que eu já tivesse visto. Suas sobrancelhas eram saltadas e grossas, os ossos do rosto eram fortes, mas seus olhos eram amigáveis e não tivemos nenhum medo, pois ele parecia mais assustado do que nós. Acredito que ele também nunca tenha visto gente tão franzina e acanhada como nós, e ainda mais espantado deve ter ficado com os olhos puxados de Christopher e Cosmus. Não só espantado, mas encantado, pois o pequeno gigante, que devia ter mais ou menos nossa idade, gostou muito mais deles do que de mim.

Ele levava um interessante tipo de atiradeira que, em vez de atirar pedras com uma alça, tinha três lugares onde se encaixavam três bolas de pedra. Nosso amigo era um especialista em rodar aquilo sobre a cabeça e lançar as pedras com tal velocidade e precisão que conseguia matar qualquer bicho que mirasse. Nós,

por mais que tentássemos, não conseguimos lidar com aquela maravilhosa arma. Ele era uma pessoa tão dócil, e ficou tão cativado por Christopher e Cosmus, que nos deu uma dessas belas armas de presente.

Quando andávamos sobre a neve, gostávamos de olhar para trás e ver como eram diferentes as nossas pegadas. Christopher, Cosmus e eu deixávamos estranhas pegadas, pequenas e disformes, porque nossos sapatos de folhas eram muito toscos, enquanto nosso amigo gigante marcava o solo branco com profundas e grandes pegadas. Assim, ficamos sabendo por que seu nome era Patagones, e Patagônia a sua terra. Suas pegadas – patas – eram realmente gigantes.

Nunca conseguimos pronunciar direito seu nome. Ele falava com uma voz que parecia um gemido grave vindo da garganta: “Setebos”. Sua voz saía sem que ele abrisse a boca. Então, apesar de acharmos que sabíamos seu nome, não conseguíamos pronunciar-lo corretamente, assim como ele não conseguia dizer os nossos. Mas isso não impediu que a nossa amizade fosse

realmente perfeita. Ao ver nossas pobres pegadas, Setebos ficou tão penalizado que no dia seguinte apareceu com três botinhas de pele que couberam perfeitamente em nós. Deu-nos também algumas trutas defumadas, saborosíssimas. E visitamos sua casa, toda coberta e forrada de peles, onde tiramos um cochilo.

Tivemos que usar um stratagem para que não descobrissem nossas botas. Pouco antes de chegar a casa, trocávamos as botas de pele pelas nossas pobres botas de folhas, e assim ninguém descobria nosso amigo. Não contamos nada sobre Setebos. Sabe lá o que fariam com ele. Ainda estava muito fresca em nossa memória a forma como nossa tripulação desembarcou em Placência e na vila de Santos, atacando a população e agindo agressivamente com os índios.

Nosso amigo gigante um dia nos trouxe uma maravilha. Era um cavalo-anão, lindíssimo, todo castanho e peludo. Foi muito curioso ver aquele menino tão grande brincando com um cavalo que, mesmo para nós, era muito pequeno. Os novos mundos são assim

mesmo, as maravilhas não são lendas ou histórias de marinheiros. Muitas das coisas que ouvimos e nas quais não queremos acreditar por parecerem fantasiosas demais são a mais pura expressão da verdade. O mundo é muito maior do que pensamos, e existem muitas coisas na natureza que não conhecemos. Quem diria que teríamos um amigo gigante cujo animal de estimação era um cavalo-anão?

88

Após mais ou menos duas semanas de brincadeiras e diversões, nosso amigo desapareceu. Pensamos que talvez seus pais o tivessem prendido por algum motivo, ou que estivesse de castigo. Mas nesse mesmo dia, ao voltarmos para a casa, descobrimos o motivo de sua ausência. Foi um choque para nós. Seu corpo estava em frente à entrada da casa, sendo admirado pelos homens da tripulação. Nosso amigo tinha sido morto e estava sendo exibido como um troféu! Foi um golpe duro para nós, e no mesmo dia tivemos febre e ficamos doentes. Não conseguíamos nos levantar do chão. Era impossível que aquilo tivesse acontecido. Não podíamos acre-

ditar que Setebos, tão generoso e humano, tinha sido morto pelos homens de nossa tripulação.

Andrew Towers, ao ver aquilo, ficou muito sério e entrou em uma conversa enérgica com os comandantes. Naquele mesmo dia, deram ordem para que todos voltassem aos navios. E então aconteceu um fato que mudaria o nosso destino. Andrew Towers nos chamou para seu bote e, em lugar de rumar para o Leicester, o navio de *sir* Cavendish, seguiu para o Desire, o galeão de *sir* John Davis, e foi nele que fizemos o resto de nossa viagem.

Quando as âncoras já tinham sido levantadas, nossa frota começou a ser alvejada por uma chuva de pedras. No litoral, uma multidão de gigantes, cobertos com aquelas imensas capas de pele, gritava furiosamente e girava sobre as cabeças as fundas com três pedras, iguais à de nosso amigo. Nossos homens ficaram apavorados, não só com a visão dos gigantes, mas também com a força das pedras, que deixou alguns de nós muito machucados.



Continuamos nossa viagem, seguindo a rota para o sul, em direção ao Estreito de Magalhães. As tempestades e o frio continuaram. Mas o navio de John Davis era totalmente diferente do de *sir* Cavendish. Davis era um dos mais respeitados e experientes navegadores da rainha Elisabeth. Já tinha feito impressionantes viagens no Mar do Norte, margeando o litoral da América, com a missão de descobrir o caminho marítimo que há no extremo norte do continente, a famosa Passagem do Noroeste. Quando nós, ingleses, descobrirmos essa

passagem, não precisaremos mais descer todo o Atlântico e fazer a perigosa viagem pelo Estreito de Magalhães, para só então ganhar o grande Mar do Sul e navegar até as riquezas orientais e até a China, as Molucas e as Filipinas. Por essa passagem pelo extremo norte da América poderemos navegar diretamente para as terras do Oriente e conquistar suas riquezas e o comércio.

92
John Davis ainda não conseguira achar a passagem, mas todos tinham certeza de que ele ia acabar conseguindo. Ele não era bonito e vaidoso como *sir* Cavendish, nem usava roupas tão extravagantes e caras, mas tinha uma aparência impressionante. John Davis era um grande homem. Era sério e correto. Cuidava de seus homens e se preocupava com eles. No *Desire* não havia enforcamentos nem pessoas doentes e ainda vivas sendo jogadas no mar ou abandonadas em praias geladas ou desertas como acontecia no *Leicester*. A tripulação tinha o maior respeito pelo comandante e sabia que Davis era a mola-mestra de alguma coisa grande e importante, o que fazia com que todos também se sen-

tissem grandes e importantes, ou pelo menos tomando parte de uma coisa que ia além deles mesmos.

O clima não melhorou em nada. Enfrentamos tempestades de gelo e frio extremo, e o mar revoltado parecia que ia engolir nossos navios a qualquer momento. As ondas, altas e maciças, faziam os galeões parecerem casquinhas de noz. Era um mar imenso, escuro e aterrador. Apesar de os homens terem se recuperado, muitos começaram a adoecer de novo, pois não tínhamos roupas adequadas para enfrentar o gelo e a neve. Eu, graças à minha meia-calça, estava um pouco menos desprotegido. Mesmo nesse momento extremo, o clima não era de terror, como tínhamos vivido no Leicester. Graças ao espírito incomum de John Davis, os homens se mantinham confiantes e seguros de que conseguiriam completar a viagem.

Mas sua confiança foi abalada por uma tempestade que superou todas as outras, e que nos pareceu o fim do mundo. Os homens gritavam que o inferno tinha aberto suas muitas bocas. O horror tinha se ins-

talado naquela noite furiosa, em que não enxergávamos nada a não ser nossos pecados. Alguns rezavam, outros gritavam, e alguns trabalhavam para manter o controle sobre o navio, que era jogado incontrolavelmente e mergulhava em ondas abissais, enquanto imensos relâmpagos e trovões esmigalhavam nossos nervos. Eu, Christopher e Cosmus nos amarramos com alguns cabos e ficamos ali, juntos, esperando que tudo acabasse. E quando tudo acabou, não sabíamos onde estávamos e tínhamos perdido de vista os outros navios da frota.

94

Estavam todos desorientados, com exceção de Andrew Towers, que se achava francamente feliz e bem-disposto. Percebíamos que o que mais o alegrava era o fato de termos perdido de vista o Leicester. Estávamos agora sozinhos no mar. E era perigoso e arriscado um navio sozinho, sem o apoio de nenhuma outra nau, aventurar-se em uma viagem por mares quase desconhecidos. Tudo estava contra nós: não tínhamos a possibilidade de contar com a assistência de outra embarcação, éramos

uma presa fácil no mar, e nosso poder de ataque estava reduzido. Mas, para Towers, nada parecia difícil diante da sorte de estar sem *sir* Cavendish por perto. Seu alívio era tão grande que logo percebemos que *sir* Cavendish devia estar em maus lençóis e que em breve, provavelmente, estaria envolto pelos lençóis mortuários.

E depois viemos a saber que foi realmente o que aconteceu. Voltando para a Inglaterra com o navio em frangalhos, com quase toda a tripulação morta, sozinho no Atlântico, *sir* Cavendish encontrava-se arruinado. Havia jogado no mar as fortunas que os investidores tinham aplicado naquela viagem, que deveria ter sido gloriosa e lucrativa, atingindo os ricos mares da China. Voltaria para a Inglaterra coberto por uma vergonha para ele intolerável. *Sir* Cavendish, o irascível, egoísta, vaidoso e arrogante almirante, que não viajava sem seus músicos, ouviu em seus últimos dias, segundo contaram os que testemunharam seus derradeiros momentos, apenas os gemidos de agonia da tripulação doente e moribunda. Uns disseram que morreu de vergonha e

tristeza, outros que tinha tirado a própria vida. O Leicester chegou à Inglaterra sem o seu altivo comandante. E essa foi uma das histórias mais contadas da ruína de um homem: o mesmo Cavendish, que chegara de sua viagem de circunavegação com mastros folheados a ouro e velas de ricos tecidos, morrera esfarrapado, arruinado, no meio do Atlântico.

96
Em uma carta, redigida em seus últimos dias, quando navegava em direção à costa da África, *sir* Cavendish escreveu que o fracasso da viagem tinha sido culpa de John Davis. Segundo ele, o *Desire* se afastou premeditadamente do Leicester. Mas nós sabíamos muito bem que isso era mentira, e que só nos separamos por causa daquela violenta tempestade. E ainda o esperamos durante um mês, parados, mas ele não apareceu. Depois da tempestade, com o navio e os homens arrasados, *sir* Cavendish não prosseguiu a viagem e resolveu fazer o caminho de volta à Inglaterra.

Mas John Davis não. Fez algo muito diferente. Depois de perder-se da frota, reuniu seus homens,

ordenou que todos ficassem quietos e olhassem para ele. E então fez um discurso vigoroso, inflamado, cheio de lindos sentimentos e de frases tão bonitas que alguns homens chegaram a chorar. Depois das palavras do comandante, passaram a se sentir heróis por terem chegado até ali. Todos, segundo Davis, eram grandes homens, bravos e quase invencíveis. Os peitos se insuflaram e o desânimo deu lugar à euforia. Foi uma cena inesquecível. Eu nunca tinha visto como as palavras, ditas por um homem como Davis, tinham o poder de transformar completamente as pessoas. Aquelas figuras miseráveis, que haviam escapado da morte, mas que ainda se sentiam à beira dela, depois de uma tempestade que tinha sido a visão do próprio inferno, e estando ali perdidas, no fim do mundo, tinham se transformado em bravos marinheiros e guerreiros, prontos para lutar e para dar seu sangue – ou o que sobrara dele – por seu comandante e pela rainha. Tinham se transformado em destemidos ingleses, heroicos conquistadores, descobridores de novos mundos, cujos feitos seriam sempre lembrados.

98

Rumamos então para uma conhecida baía, bem abrigada, chamada Porto Desire, e no caminho tivemos a felicidade de encontrar uma embarcação de nossa frota que para lá também se dirigia, a Pinaça Negra, que estava, como nós, em estado miserável. Aquela bela e confortável baía se chamava Desire justamente por causa de nosso navio, que havia passado por lá na primeira viagem de *sir* Cavendish, quando ele tinha dado a volta ao mundo. Em espanhol, passou a se chamar Puerto Deseado, porque tinha sido um lugar muito desejado por *sir* Cavendish, que ali pôde se restabelecer e continuar a viagem. Portanto, pensávamos que também dessa vez ele rumaria para aquela agradável baía, mas isso não aconteceu.

Em Porto Desire teve início o frenético trabalho de reconstrução do navio. Os carpinteiros, os calafates, os cordoeiros e os mestres veleiros que tinham sobrevivido se juntaram aos outros homens e vivemos quatro intensas semanas de esforço coletivo, o que muito nos animou. Conseguimos abastecer o navio

em um lago de água muito boa, e ali pudemos restaurar nossa saúde. A maré estava tão baixa que achamos mexilhões em abundância, e também muitos salmónetes que pescávamos com anzóis feitos de pregos torcidos e comíamos até nos fartar.

John Davis tinha estipulado em um mês o prazo de nossa parada ali, para nos restabelecermos, o que seria também tempo suficiente para que nos reencontrássemos com o galeão de *sir* Cavendish. Mas quatro semanas se passaram e ele não apareceu. Davis se reuniu com os homens mais graduados da tripulação e eles chegaram à conclusão de que havia várias possibilidades: ou o navio de *sir* Cavendish tinha naufragado, ou tinha seguido viagem pelo Estreito de Magalhães, ou tinha tomado a rota do Cabo da Boa Esperança, uma louca ideia que o almirante tinha confidenciado a John Davis. Diante dessas especulações, resolveram seguir viagem, e rumamos para os estreitos.

Cosmografia



*H*oje sei que realmente foi uma sorte para nós ter mudado de navio e feito o resto da viagem no *Desire* com John Davis. Se tivéssemos continuado com *sir* Cavendish, teríamos voltado para casa sem sequer percorrer o Estreito de Magalhães, uma das experiências mais fantásticas pelas quais um homem pode passar.

Penso que o que levou John Davis e os outros senhores a escolherem a rota dos estreitos foi a mais pura curiosidade cosmográfica e não o impulso de tentar completar a viagem ou achar *sir* Cavendish. Estávamos ali,

em um dos extremos do mundo, e essa oportunidade não poderia ser jogada fora, ainda mais por um descobridor como John Davis, com toda a sua experiência em navegações pelo outro extremo da terra, na América do Norte. Ouvi quando marinheiros comentaram que John Davis só aceitara participar dessa viagem porque Cavendish tinha lhe prometido que, quando chegassem à Califórnia, lhe daria um navio e uma pequena embarcação para que ele pudesse explorar o extremo norte da América pela costa oeste e, assim, descobrir a Passagem do Noroeste.

102

Foi assim que embarcamos, dessa vez em uma viagem que não estava mais comprometida em dar a volta ao mundo, estabelecer novas rotas comerciais ou enriquecer seus tripulantes.

John Davis se dirigia ao Estreito de Magalhães com o espírito de uma viagem de descobrimento, e isso fazia toda a diferença. Se tinha chegado até ali, não iria desperdiçar a oportunidade e tentaria elaborar um mapa dos intrincados caminhos do estreito. Felizmente, alguns homens da tripulação haviam par-

ticipado da viagem de *sir* Francis Drake em torno do globo e conheciam a passagem. Devo dizer aqui que, mesmo tendo passado uma vez pelos caminhos labirínticos que ligavam o Atlântico sul ao oceano Pacífico, um homem não poderia dizer que realmente conhecia o estreito. Não estamos falando de uma rota simples e direta, de um caminho único que liga um lado a outro. Estamos falando de um verdadeiro emaranhado de canais gelados, com o clima mais extremo que se possa imaginar, com montanhas de rocha e também maciços azuis de neve.

O português Fernão de Magalhães foi o primeiro a descobrir a passagem marítima, que desbravou em um mês. O primeiro inglês a fazer a travessia e a circunavegar o globo, *sir* Francis Drake, precisou de somente 17 dias para cruzar o estreito e ganhar o Mar do Sul e a costa oeste da América, onde ficam as riquezas do Peru. *Sir* Cavendish, em sua volta ao mundo, também atravessou o estreito, mas foi o que mais custou a conseguir, ficando quatro meses perdido no labirinto até

finalmente atingir o Pacífico. Agora seria a nossa vez, comandados pelo grande John Davis!

Estávamos na estação errada para fazer a viagem, graças a *sir* Cavendish ter resolvido se demorar tanto tempo em Santos, o que nos fez perder a época adequada para atravessar a passagem. Mas nada disso refreou o ânimo de nosso comandante. Ele provavelmente seria o único homem do mundo a ter navegado pelos dois extremos da Terra.

104 John Davis, esse grande navegador da rainha, ia agora ser o primeiro homem a fazer um mapa daquela intrincada região e assim permitir que os navios ingleses, daí por diante, pudessem atravessar o estreito sem dificuldades. Davis certamente seria o homem a descobrir a Passagem do Noroeste e também destrincharia a topografia do outro extremo do mundo, no sul da América.

Devo dizer que participei ativamente desse grande feito da cosmografia de nosso tempo. Subitamente, fui promovido por Andrew Towers, passando de

grumete a aprendiz de cosmógrafo. Podia dormir na cabine, abrigado do mau tempo, perto de onde se deitava o cosmógrafo. Ouvia a conversa entre os pilotos, os mestres, John Davis e o cosmógrafo, um homem de Suffolk, com queixo retraído e parecido com uma tartaruga. Olhávamos dois mapas que eram tratados como verdadeiros tesouros. Eu era o responsável por enrolá-los e guardá-los em um estojo de madeira forrado de veludo, com belas fechaduras de prata. Tínhamos também outros instrumentos, que serviam para medir as estrelas; a partir dessas medidas, o cosmógrafo fazia cálculos, debatia o resultado desses cálculos com os mestres e os pilotos, e então decidiam o rumo a tomar. Havia vários desenhos feitos com belos instrumentos que eu limpava esmeradamente. E estávamos envoltos por uma das paisagens mais deslumbrantes que eu já tinha visto em minha curta vida. Passávamos muito frio, as tempestades eram constantes, a neve parecia não dar trégua, sem falar nos ventos cortantes, mas no meio disso tudo eu conseguia ver que estávamos

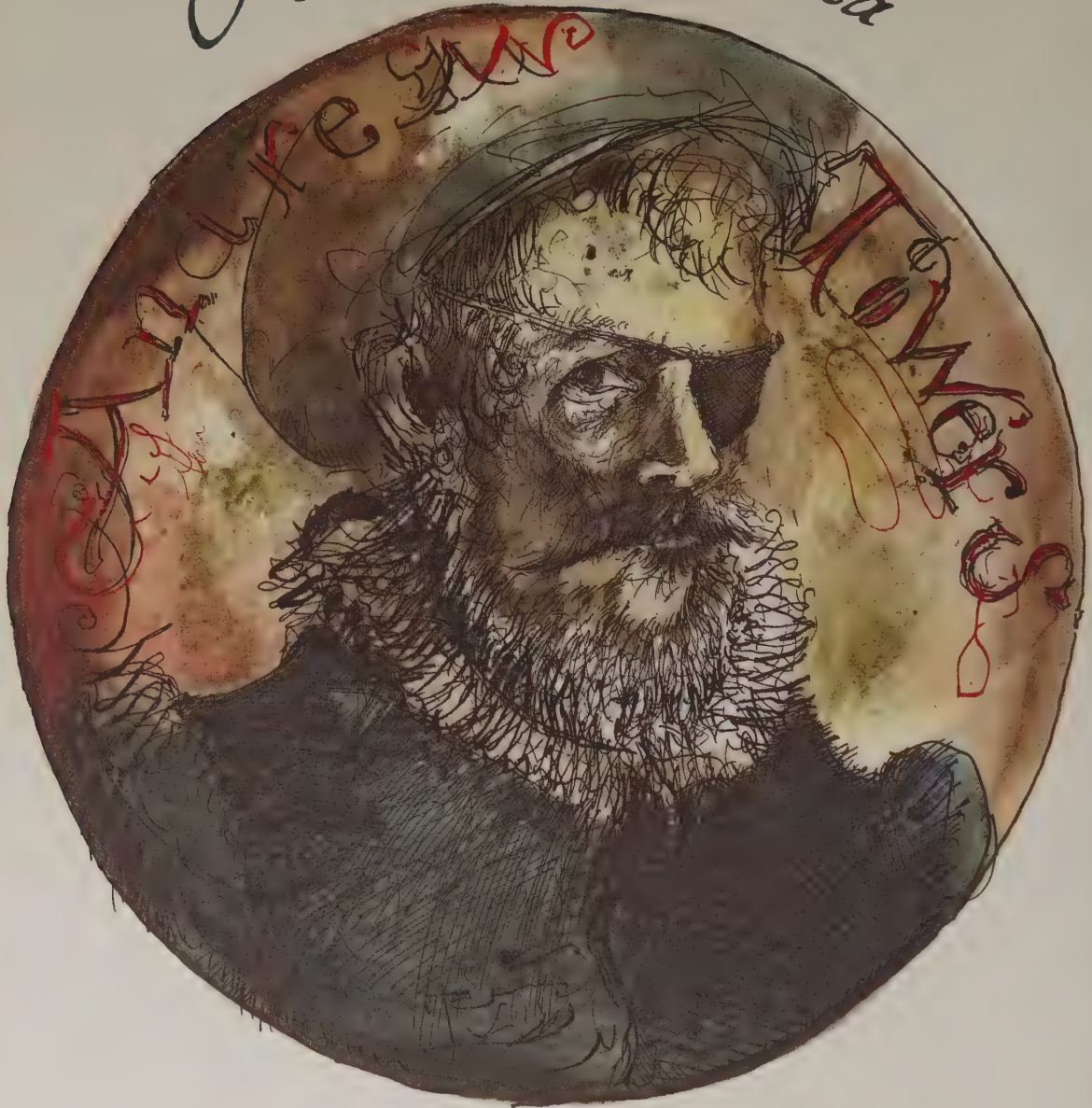
em um lugar espetacular. Queria ter a oportunidade de voltar ali no verão, para poder ver aquilo com um pouco mais de conforto.

106

As coisas que vi e ouvi então foram tão incríveis, e aprendi tanto ali, que precisaria de um livro inteiro para contar tudo. Aquilo transformou a minha vida, passei a ver o mundo de outra maneira. Não estava agora mais em busca de ouro e de riquezas; a maior riqueza para mim naquele momento era tentar entender a cosmografia, o globo, a terra, o mar, as navegações, as estrelas, os climas e as estações, as diferentes gentes espalhadas pelos continentes, e o esforço para conjugar todos esses conhecimentos em uma visão de mundo. Percebi que o principal não era o ouro, mas a nossa própria mente e o que ela era capaz de fazer. Se estávamos ali, naquele lugar extremo do mundo, naquele labirinto que se transformava em um caminho meticulosamente desenhado num papel, imagine o que não seríamos ainda capazes de fazer! Daqui a pouco faríamos mapas da Lua!

Apesar das furiosas tempestades e do gelo, conseguimos por três vezes atingir o Mar do Sul, mas em todas elas fomos empurrados de volta pelos ventos e não conseguimos avançar. Fomos forçados a fazer o caminho de volta. Mas cumprimos a nossa missão. Atravessamos os estreitos! Fizemos um belo mapa! Ainda não era um mapa grande e colorido, mas um pequeno mapa bastante eficaz, e que já nos foi útil no caminho de volta. E eu posso dizer que fui ao Mar do Sul, só não preciso dizer que mal o vi, tão fortes eram os ventos e as tempestades. Mas sobrevivi, intacto, sem perder nenhuma parte de meu corpo, como aconteceu com vários de nossos homens que perderam dedos do pé, narizes e pedaços de orelhas. Até Cosmus, coitado, perdeu, não uma parte do corpo, mas o cabelo, e ficou careca e o couro cabeludo queimado de frio.

O caminho de volta



Saímos dos estreitos arruinados e sozinhos. Perde-
mos a Pinaça Negra durante uma tempestade impiedo-
sa e não a vimos mais. Nossas velas estavam destruídas
e tínhamos perdido parte do mastro principal, de modo
que não podíamos usar a vela mestra, restando-nos ape-
nas uma âncora e parte de um cabo; as provisões eram
parcas, a água potável escasseava e os homens estavam
novamente nas piores condições. Alguns sentiam as
juntas moles, não conseguiam se mover e sofriam de
um desagradável inconveniente (é preciso coragem para

falar disso): parte da carne de seus corpos havia apodrecido e estava morta, viam-se (acreditem!) grandes e gordos vermes passeando sobre eles, ou sobre o que restava deles.

Rumamos novamente para Porto Desire, pensando em todos os mexilhões que comeríamos ali. Foi mais uma temporada de reparos intensos, e mais uma vez tivemos a felicidade de ter a companhia da Pinaça Negra, que apareceu em uma tarde, também completamente arruinada e com poucos homens a bordo. Graças a isso, pudemos acelerar os reparos, empregando os materiais da Pinaça, que foi quase totalmente desmontada. Usamos o que havia restado das velas, dos cabos, das madeiras, das peças e das ferramentas, e, além de repararmos o Desire, construímos uma pequena embarcação para nos dar apoio no resto da viagem. Como ali perto ficava a ilha dos pinguins, organizamos uma série de expedições de caça, e lá mesmo os homens salgavam e secavam a carne para que pudéssemos guardar a maior quantidade possível. Dessa forma, nos abastecemos de

carne salgada de pinguim e foca, pois as nossas últimas provisões de carne de porco em conserva tinham acabado durante a travessia dos estreitos.

Quase toda a tripulação desembarcou em Porto Desire. Os que ainda conseguiam trabalhar se esforçavam para produzir ferramentas, fabricar velas, cabos, construir a pequena embarcação e ainda caçar e pescar para alimentar os homens doentes. Com a ajuda dos médicos e de sopas especialmente preparadas com certas aves e farinha de aveia, e ainda com uma erva ali achada, conhecida por suas virtudes contra os males do mar, muitos homens estavam se recuperando. Isso era vital para nossa sobrevivência, pois precisávamos de braços hábeis para manejar nossas naus.

Tudo corria bem, até que nove homens que haviam se embrenhado no mato para caçar não voltaram. Eram nossos melhores homens, e aquilo foi sentido como uma grande perda que jogou uma sombra de apreensão e tristeza sobre todos. Uma ameaça

desconhecida pairava sobre nós. Dessa vez, não eram tempestades desmesuradas ou ventos congelantes. Não eram as forças e os desígnios desconhecidos da natureza que operavam sobre nós, mas uma silenciosa mão que nos havia levado nove bravos homens sem deixar rastros.

No dia seguinte, o mistério seria resolvido da maneira mais inusitada. Pela manhã, o *Desire* foi subitamente invadido por uma turba de selvagens pintados de forma que seus rostos pareciam os de cachorros, ou (talvez seja verdadeira esta segunda hipótese) eles realmente tinham rostos de cachorro. Gritavam e se agitavam de tal maneira que pareciam seres sobrenaturais, e com uma rapidez e eficiência que nos espantaram acenderam fogo e provocaram um pequeno incêndio que teria se alaistrado e posto tudo a perder se Andrew Towers, que felizmente estava no navio, não tivesse dado um tiro de mosquete na testa de um deles. Os homens-cachorro se assustaram tanto com o tiro que abandonaram o *Desire* com o mesmo ímpeto com que tinham entrado,

e não mais voltaram. Depois desse ataque ficou claro para nós que eram eles os responsáveis pelo desaparecimento de nossos nove bravos homens. Mas Andrew Towers soube como espantá-los para sempre, e assim pudemos reparar os estragos e concluir em paz o restabelecimento da tripulação.

Dali, fomos direto para a ilha de Placência, onde pretendíamos fazer uma escala antes de enfrentar a travessia do mar até a África, de onde tomaríamos o caminho de casa. Essa decisão foi tomada em uma assembleia da qual participaram todos os cavaleiros, mestres, pilotos, cosmógrafos, médicos, e seus assistentes, além, é claro, do comandante. No entanto, nem todos concordaram que esse seria o melhor rumo a tomar. Dois dos cavaleiros, pestilentos amigos de *sir* Cavendish, queriam ir para Santos, onde acreditavam achar o almirante. Mas seus votos foram vencidos pela maioria da assembleia.

Esses dois homens persuadiram a tripulação de que John Davis tinha recebido de *sir* Cavendish

114

instruções para encontrar-se com ele em Santos se por acaso algum navio se desgarrasse da frota. Segundo eles, rumar para Placência, e não para Santos, era uma traição ao almirante. Disseram, ainda, que a real intenção de Davis era abandonar parte dos homens em Placência, para que fossem comidos pelos canibais, e tornar as embarcações mais leves e menos onerosas para a travessia até a África. O que mais me impressionou não foi o fato de os dois companheiros de *sir* Cavendish terem espalhado essas mentiras, mas o fato de a tripulação ter acreditado nelas. John Davis era um comandante justo, piedoso e preocupado com seus homens, e dera provas disso muitas vezes. Mesmo sendo tão bem tratados por um comandante tão bom, os homens preferiram acreditar em dois patifes!

Imagine que eles tinham reservado uma bala de prata para assassinar John Davis, porque era um tipo de bala considerado muito mais eficaz que as comuns! Mas, felizmente, o contramestre não concordou com

semelhante covardia e contou ao mestre o perverso plano dos amotinados. E mais uma vez eu testemunhei o mágico poder das palavras de um homem bom. Davis, ao saber do motim e dos reles e falsos motivos, juntou toda a tripulação e fez um discurso cuja potência fez com que os amotinados abaixassem a cabeça e se sentissem os últimos homens sobre a Terra. Perceberam a sua tremenda estupidez, a sua vileza, a baixaza de suas intenções. E, para assombrá-los ainda mais, Davis perdoou os dois traidores e continuou a viagem, deixando todos admirados com a qualidade excepcional daquele grande homem.

Mas nem todos ficaram satisfeitos. Christopher e Cosmus vieram me contar que Andrew Towers mostrara-se muito contrariado com a decisão de John Davis. Meus dois amigos também achavam uma temeridade deixar os dois traidores à solta, sem nenhum tipo de castigo. Pouco antes de chegarmos a Placência, os dois traidores ficaram doentes, com febre e tremedeira. Foram embarcados em um dos pri-

meiros botes a serem mandados para terra, de modo que pudessem se recuperar. Mas, infelizmente para eles, o médico que os acompanhou foi justamente Andrew Towers (que me levou junto), e, dessa forma, nos dois dias que passamos em Placência, o estado de saúde dos traidores só piorou.

116 Desembarcamos em uma vila abandonada e encontramos muitas provisões, como milho e farinha de mandioca. Eu, agora no papel de assistente de médico, cozinhava estranhas papas com peixe seco, farinha de mandioca e gotas de um elixir, seguindo a receita estabelecida por Towers. Confesso que me sentia muito mal fazendo aquilo. Ao mesmo tempo que tinha a maior admiração por Towers, e de dever a ele não apenas minha vida como também outras oportunidades durante a viagem, e por mais que julgasse aqueles dois homens infames e pestilentos traidores, repugnava-me toda vez que preparava a papa e pingava aquelas mortíferas gotas de elixir. Mas acabei por perceber que Towers tinha algum propósito secreto

ao me incumbir de fazer aquilo. Talvez fosse a sua maneira de educar um menino para a vida no mar. Sentia-me ainda mais triste e oprimido por não ter a companhia de Christopher e Cosmus, com quem eu poderia conversar sobre aquilo. A cada bote que vinha do Desire eu tinha a esperança de vê-los chegar. Mas eles não desembarcaram.

O Rio de Janeiro



No segundo dia em Placência, nosso destino sofreu um violento choque. Fomos atacados por um grupo de portugueses e índios fortemente armados que, na verdade, estavam nos emboscando desde a chegada. Não tiveram piedade de nós. O ódio que sentiam era mais do que justificado, se pensarmos em tudo o que tínhamos feito em Santos e ali mesmo em Placência. Era o troco na mesma moeda. Nossos homens foram massacrados a tiros de mosquete e a golpes de tacape. Apenas eu e Andrew Towers escapamos. E mais uma vez Towers salvou minha vida.

120

Ele já havia me surpreendido imensamente, mas ainda tinha outras cartas na manga. Ao sermos atacados, Towers logo entabulou conversa com o português que parecia ser o chefe e percebi que conversavam em português. Quantas línguas aquele homem conhecia? A língua portuguesa é muito difícil, especialmente para nós ingleses. Mas Towers a falava com muita facilidade, e digo mesmo que com felicidade. Enquanto o massacre acontecia, ele e o português estavam como que abraçados, em um clima de camaradagem. Eu nunca tinha visto o nosso médico com um rosto tão amigável. Todo o tempo ele me segurou pela mão, me dava safanões amistosos e passava a mão vigorosamente pelos meus cabelos, como nunca tinha feito, de forma que o português me olhava também com muita simpatia.

Nunca soube o que ele disse àquele homem, mas vi quando ele mostrou um medalhão oval que levava ao pescoço, uma espécie de estojo com uma portinha. O português tornou-se ainda mais amigável depois de olhar o conteúdo do medalhão, abraçou Andrew Towers e nos levou dali.

Eu não estava nada bem. Não sei o que tinha sido mais difícil: assistir ao massacre de pessoas com as quais tinha viajado pelos estreitos, homens que venceram a morte muitas vezes, que lutaram bravamente por suas vidas e pelas nossas, ou ver a indiferença de Towers diante da morte de seus companheiros. Pela primeira vez, eu não estava feliz por ter escapado da morte, e aquilo me dava uma sensação muito desconfortável.

Enveredamos por uma trilha na selva até um porto, de onde tomamos uma pequena embarcação. Aquelas emoções contraditórias se chocaram em meu coração e senti como se ele estivesse amolecendo. Minhas pernas ficaram fracas, uma tontura dominou minha cabeça, meu corpo estava dormente e eu me entreguei àquele estado de torpor. Pensava em Christopher e Cosmus e torcia para que o Desire levantasse âncora e seguisse viagem antes de ser atacado pelos portugueses e índios. Tinha certeza de que nunca mais os veria. Meu estado de prostração foi logo notado por Towers, que pela primeira vez me olhou nos

olhos, e mesmo aquele seu olho ruim, onde diziam que morava um espírito maligno, mesmo aquele olho me olhou. Tirou da algibeira um frasco suspeito, disse que aquilo era Rosa Solis, um *brandy* condimentado, um remédio para recuperar as forças, revitalizar o espírito e aquecer e confortar o coração. Aquele homem era realmente um bruxo! Como podia ter adivinhado que meu problema era justamente no coração?!

122

A bebida tinha uma cor amarela, vibrante, parecia um sol líquido ou ouro líquido. Ele me deu um pouco daquilo e piscou o olho mau para mim. Fez uma cara engraçada. Disse que ia me dar o vidro e que eu guardasse aquilo como um tesouro. Aquela água cordial era feita de uma planta carnívora e especiarias orientais raras, como pimenta cubeba, grãos do paraíso e galangal. Ele disse ainda que, quando eu crescesse mais e começasse a gostar de mulheres, saberia apreciar melhor aquele remédio – mas que até lá, só o empregasse em casos de extrema necessidade. Devo confessar que a forma como Andrew Towers falou co-

migo e essa atenção especial que teve em relação a mim me assustou mais ainda.

O gosto da bebida era aceso e inebriante. Nunca tinha experimentado um sabor assim. Queimava um pouco na garganta, e senti quando chegou ao meu estômago e começou a se espalhar por todo o meu corpo. Esquentou, tive vontade de sorrir, mas me controlei, afinal aquele não era um momento para sorrisos. Eu não sabia o que tinha acontecido a Christopher e Cosmus, e da minha mente não saía a imagem de Setebos morto, no chão, exposto como um troféu de caça. Quem sabe em breve aquele não seria também o meu destino? No entanto, meus pensamentos negros foram envolvidos por uma onda amarela e dourada, meu corpo se aquecia e minha mente parecia querer voar em direção ao sol. Que *brandy* poderoso! E o gosto que ficara em minha boca e em minha garganta, aquela ardência prazerosa e perfumada, me fazia pensar em todas as coisas que existiam no mundo que eu ainda não conhecia. E que um dia iria conhecer! Era como uma promessa do destino, que

me dizia que eu seria levado ao encontro das maravilhas do Oriente e de regiões misteriosas e desconhecidas. Eu tinha uma vida pela frente! E ela brilhava graças à poderosa Rosa Solis.

124

Ao chegarmos ao Rio de Janeiro, eu já estava em excelentes condições e me maravilhei com um enorme e largo rio, uma espécie de lago de água salgada, cercado por altas montanhas de cor lilás cobertas por uma vegetação muito verde. O sol brilhava, e no céu, de um azul límpido, flutuavam nuvens fofas como algodão. Nossa embarcação era acompanhada por um cortejo de golfinhos, que saltavam a nosso redor e nos escoltaram até o porto. Para completar, tinham me dado pão com marmelada, e foi assim, mastigando, que desembarquei na vila do Rio de Janeiro.

Depois de tanto tempo no mar e de perigos tão extremos, me senti como se tivesse chegado em casa. Andrew Towers e eu fomos, inicialmente, instalados no convento dos jesuítas, sobre uma colina, de onde se descortinava uma linda vista do lago salgado e das

montanhas. Nos primeiros dias lá, fiquei inteiramente livre, mas sofri muito lembrando-me de como brincávamos, eu, Christopher e Cosmus, naquela temporada que passamos em Santos, livres e felizes. Dessa vez, no convento, sem conseguir me comunicar com as pessoas, eu passei dias melancólicos, tentando caçar passarinhos com um estilingue, mas propositadamente errando os arremessos, sem vontade de matá-los. Havia outros meninos ali, que estudavam no colégio dos jesuítas, mas eu não tinha vontade de me entrosar com eles, apesar de alguns terem tentado se aproximar de mim movidos mais pela curiosidade de conhecer um estrangeiro do que pela vontade de estabelecer uma amizade.

Towers passava os dias na vila e, quando voltava, à noite, entabulava sérias conversas com os padres, que a cada dia pareciam respeitá-lo mais. Eu realmente não entendia aquele homem. Como ele, um súdito da rainha Elisabeth, adepto da igreja reformada³ por Henrique

³ Nessa época, os portugueses e espanhóis, católicos, eram inimigos dos ingleses, anglicanos, religião surgida a partir da reforma religiosa empreendida por Henrique VIII, pai da rainha Elisabeth.

VIII, poderia estar em boas relações com padres católicos? Afinal, não havia uma guerra na Europa entre católicos e protestantes? Será que a magia daquele médico era maior do que as divergências religiosas e políticas? Estranho homem que conseguia o respeito, sabe-se lá como, tanto de pajés indígenas quanto de jesuítas portugueses. Seria ele capaz de enfeitiçar as pessoas?

126 Não cabia a mim, como um simples menino, fazer essas perguntas. Mas em breve eu mesmo saberia respondê-las, pois os acontecimentos que se sucederam se encarregaram de esclarecer tudo. Depois de uma semana, nos mudamos para a vila, para uma casa mobiliada de forma curiosa, com redes penduradas em alças presas nas paredes, e banquinhos baixos onde nos sentávamos para comer.

O mais inusitado de tudo, porém, não eram os móveis, mas o fato de que tínhamos um escravo. Um escravo! Aquilo me pareceu absurdo. O nosso escravo era o que chamam de mestiço, ou seja, filho de português com índia, e parecia muito contente em nos servir. Ele trazia

a comida, plantava legumes no quintalzinho que ficava atrás da casa, cozinhava, trazia água potável, mantinha o precário asseio da casa e ainda conseguia roupas novas para mim. Sua comida não era das melhores, mas eu engordei e me senti muito bem ali. Estabelecemo-nos em uma vizinhança inglesa, para minha surpresa, e dois de nossos vizinhos eram homens de nossa tripulação original que tinham sido abandonados em uma praia deserta por *sir* Cavendish e que também tinham ido parar, como nós, na vila do Rio de Janeiro. Trabalhavam como comerciantes e tinham uma boa clientela.

127

Andrew Towers rapidamente se tornou amado pela população daquela pequena povoação e era tratado na rua como um santo. Seus poderes como médico, e como bruxo, tinham sido responsáveis por uma série de curas e milagres. Ele também previra acidentes, fatalidades e fenômenos naturais. À noite, não tínhamos paz, pois batiam à nossa porta parentes de doentes, de moribundos ou de mulheres prestes a dar à luz, e Towers nunca se negava a prestar assistência.

Logo comecei a trabalhar com um de nossos compatriotas, James Eversby, casado com uma mulher da terra, filha de um funcionário local. Quero aqui contar um caso curioso. Eversby, ao ver a fivela do cinto que eu usava, e que eu tinha achado em Santos naquele saquinho de veludo juntamente com outros pertences, ficou estarecido. Disse que ela só poderia ser de um primo seu que tinha naufragado perto de Santos. Quando contei como tinha achado a fivela e quando disse que dentro do saquinho também havia um dente de tubarão, o homem ficou vermelho e nervoso. Teria seu primo sido engolido por um tubarão e em seguida tirado lá de dentro? Teria sido tirado de lá ainda com vida? A ideia de seu primo ter sido engolido por um tubarão o deixou transtornado. E tive que parar de usar a minha linda fivela. James Eversby tinha ideias esquisitas, como eu iria comprovar mais tarde.

128

Também me tornei muito próximo de Henry Barrawell, um dos homens de nossa tripulação, que também tinha se estabelecido como comerciante e es-

tava prestes a se casar com uma senhora, filha de um português, dono de um engenho de açúcar.

Levaram-me um dia para conhecer o engenho, que não ficava muito longe de onde morávamos. Era a época da colheita da cana-de-açúcar, e os campos estavam coalhados de escravos que trabalhavam ininterruptamente. Dormimos no engenho naquela noite, e tive a oportunidade de voltar aos campos e ver que, mesmo na escuridão, à luz de poucas tochas, o trabalho continuava tão intenso quanto de dia. Os escravos tinham poucas horas de descanso por dia, e logo voltavam ao trabalho. Disseram-me que nessa época de colheita eles morriam como galinhas, devido ao trabalho intenso, ao cansaço, à parca alimentação e aos castigos físicos. Havia um feitor, responsável pelos escravos, que os tratava com extrema crueldade. Eram quase todos trazidos da África, como aqueles que vimos no início de nossa viagem no navio apreendido por *sir* Cavendish. Só então entendi a felicidade de nosso escravo doméstico. Era bem melhor servir numa casa na vila do que em um engenho de açúcar.

A miniatura Hilliard



Tudo corria muito bem em nossa vida na vila, até que percebi a pequena comunidade inglesa um pouco agitada. Andrew Towers e os outros passaram a se reunir na casa de Henry Barrawell, e eu desconfiava de que havia algum plano em curso. Apesar de estabelecidos na vila e de alguns até estarem casados com mulheres locais, todos nutriam o desejo de voltar para a Inglaterra. Nós podíamos trabalhar, casar e ter uma vida civil, mas não tínhamos permissão para retornar ao nosso país. A única forma de sair dali seria tentando uma fuga.

Uma noite, me escondi no quintal de Barrawell e descobri tudo. O plano não era muito simples. Eles esperariam a chegada do próximo carregamento vindo do rio da Prata, tomariam um dos navios, antes que chegasse ao porto, rumariam para a África e dali para a Inglaterra. Previa-se que a frota do rio da Prata chegaria em dois dias, e eles preparavam para aquela noite uma das ações mais arriscadas do plano: o mais jovem deles, Francis Maber, que deveria ser um pouco mais velho do que eu, roubaria a chave do depósito real para que pudessem tirar dali mosquetes e pólvora e levá-los para a casa de Henry Barrawell. Francis Maber estava completamente amarelo e apavorado, mas saiu pela rua com determinação. Sabe-se lá por que queria voltar para a Inglaterra; provavelmente tinha pai e mãe, uma família deveria esperar ansiosa a sua volta. Eu, por mim, preferia ficar ali mesmo, e quem sabe me tornar um comerciante.

132

No dia seguinte, acordamos de madrugada com duras batidas na porta, que não se pareciam em nada com as batidas de parentes aflitos. O plano tinha sido

descoberto. James Eversby havia traído seus compatriotas. Fomos todos intimados à presença do governador e, obviamente, negamos tudo. Eu neguei somente com a cabeça, pois ainda não tinha conseguido aprender o português. Mandaram um oficial à casa de Barrawell para conferir se os mosquetes e a pólvora estavam realmente lá. Para nosso alívio, o oficial voltou dizendo que não tinha encontrado nada estranho, que todas as munições estavam em seus lugares no depósito e nada tinha sido tirado de lá. Pouco depois, outro oficial chegou trazendo o corpo inerte de Francis Maber. Não, ele não estava morto, apenas bêbado. Tinha bebido para tomar coragem, mas fora vencido pela bebida. Desmaiou. E assim fomos salvos da força.

Mas a história não terminou aí. James Eversby, depois de sua traição e de ter sido desacreditado, tornou-se nosso inimigo. Nunca soube por que ele nos traiu. Talvez porque na verdade não quisesse ir embora dali. Não podemos saber os motivos escondidos na mente de um homem, mas podemos tentar adivinhar.

James Eversby queria o nosso mal. Aprontou mais uma. E dessa vez foi bem-sucedido.

Para nossa infelicidade, sua mulher acusou Andrew Towers de comer carne na sexta-feira. Quando Henry Barrawell me explicou a acusação, finalmente entendi que todos os ingleses estavam se passando por católicos, e por isso não tinham sido mortos. Entendi também por que comíamos tanto peixe e por que Towers fiscalizava nosso cardápio pessoalmente. A acusação era falsa. Mas era a palavra de uma mulher da terra contra a palavra de um inglês caolho. Towers foi para a cadeia e certamente seria enforcado se não tivesse sido ajudado pelo pai de um menino de quem salvara a vida. Fugiu em um navio que ia para Pernambuco. Mas, logo que souberam, mandaram atrás dele uma embarcação do governador. Contaram-nos que, no momento em que se aproximaram do navio em que estava Towers, estourou uma tremenda tempestade elétrica, e um raio caiu exatamente no mastro deles. Mesmo assim, Towers foi preso e mandado de

volta ao Rio de Janeiro, direto para a prisão. Ele tinha sido condenado à forca por ser luterano e herege.

Henry Barrawell me levou para visitá-lo. A cela era imunda, escura e malcheirosa, mas Towers não estava mal como eu esperava. Sorriu ao me ver, mostrando pela primeira vez seus dentes estragados. Olhou-me nos olhos, afagou vigorosamente meus cabelos, tirou do pescoço o medalhão ovalado, abriu-o e mostrou-me uma belíssima miniatura. Era o retrato de uma jovem mulher; Towers falou que ela se parecia muito comigo, mas não disse seu nome. Explicou-me que aquela era uma miniatura feita pelo famoso pintor e ourives Nicholas Hilliard, autor de várias miniaturas de nobres da corte e da própria rainha. Towers deu-me o medalhão e, em seguida, fazendo uma cara marota, perguntou-me pela garrafinha de Rosa Solis, assegurando-se de que eu a estava guardando para quando ficasse mais velho. Deu mais um safanão em minha cabeça e aquela foi a sua maneira de se despedir de mim.

Ele escapou da forca graças aos habitantes da vila que tanto pediram por ele junto às autoridades. Mandado para o presídio de Massangano, em Angola, onde os europeus morriam em poucos meses, Towers deve ter perecido como os outros diante do clima e dos trabalhos forçados.

Minha história até então tinha sido uma história de aventuras, mas também de perdas. Pouco me reconhecia naquele menino de Plymouth que queria fazer fortuna no Novo Mundo, sonhando com sereias e ouro.

136 Depois da prisão de Towers, fui morar com Henry Barrawell, que acabou se casando com a filha de um português da capitania de São Vicente. Ironicamente, fomos morar em Santos, e ali passei longos e calmos anos, como um membro da família Baruel, que era a forma como pronunciavam o sobrenome de Henry, até que apareceu a oportunidade de embarcar em um navio holandês. Alguns ingleses que estavam na tripulação e que estabeleceram ótimas relações comerciais conosco ofereceram-se para levar-me com eles.

Foi assim que voltei a Plymouth e entreguei a Nicholas Sulk, o dono da taberna Pinaça Negra, a carta que o irlandês selvagem tinha me confiado tantos anos antes. Já não me surpreendi quando o taberneiro, medrosamente, jogou a carta no fogo após lê-la. Pediu-me segredo absoluto sobre aquilo. O irlandês não era um selvagem, mas um refugiado político, e o taberneiro não queria mais se envolver com aquelas histórias.

Nunca mais tirei o medalhão do pescoço, não só porque ele era bonito, mas também porque gostava de conviver com as perguntas que ele provocava. Seria aquela moça a minha mãe, mulher de Andrew Towers? Seria ele meu pai? Seria aquela jovem mulher a irmã de Towers e minha mãe? Ou teria sido apenas um capricho dele ter me adotado daquela forma, apenas porque eu me parecia com a moça do retrato? Conheceria ele meu pai? Seria ele meu tio, irmão de minha mãe ou de meu pai? Ou será que eu parecia um filho que ele perdeu, ou que não pôde criar? O fato é que, mesmo não sabendo responder a essas perguntas, devo minha vida a ele.

Quando fui a Londres, vi uma peça de teatro chamada *A tempestade*, em que havia um Setebos que, como o meu amigo, também era um gigante. Pensei então que minhas aventuras talvez tenham sido divulgadas de alguma maneira, e chegado ao ouvido do escritor da peça. Ou quem sabe ele teria ouvido a história de nossa amizade pela boca de Christopher e Cosmus? Eu sabia que o mundo dava muitas voltas. Quem sabe eles não estariam vivos e tinham, como eu, voltado para casa, do outro lado do mundo?

138 Anos depois, li um livro de um italiano chamado Antonio Pigafetta, piloto de Fernão de Magalhães, um diário em que ele conta a viagem e descreve a primeira travessia do Estreito de Magalhães. Vocês não vão acreditar, mas é verdade. Pigafetta também esteve na terra dos patagones e escreve sobre um Setebos, mas este não era uma pessoa em carne e osso como o nosso amigo, mas um deus venerado pelos patagones. Um deus muito mau, segundo ele. Aprendi com Andrew Towers que todos têm lados bons e maus, e que isso depende

muito do ponto de vista de quem está julgando. Pigafetta pode ter entendido errado quando o gigante lhe disse quem era Setebos. Confesso que ao ler aquele livro e rememorar a minha própria viagem, confundi algumas de minhas experiências com os fatos narrados no livro e, hoje, ao escrever aqui as minhas memórias, percebo que minhas lembranças são como um livro que leio em minha própria mente. Ainda hoje, quando durmo, sonho com os dias de felicidade que passei com Christopher e Cosmus em Santos, e com nossos tão amigáveis dias com Setebos, e quase posso ouvir aquela voz gutural tentando dizer nossos nomes.

Nota da autora

As memórias de Thomas Kyd foram livremente inspiradas na viagem real da frota de Thomas Cavendish, iniciada em 1591, da qual fazia parte John Davis, comandante da nau *Desire*. Os percursos marítimos narrados por Kyd são bem semelhantes aos percorridos pelos dois comandantes, e a polêmica sobre a separação da frota está registrada em três fontes sobre a malfadada viagem: numa carta de Cavendish, no livro de Anthony Knivet e no relato de viagem de John Jane, um dos integrantes da tripulação de John Davis.

140 Andrew Towers é o nome real de um médico inglês radicado no Rio de Janeiro na época em que um dos participantes das viagens de Thomas Cavendish, o jovem Anthony Knivet, esteve na cidade. Grande parte dos remédios e técnicas mágicas do médico narradas por Kyd estão registradas no excepcional livro escrito por Richard Hawkins, outro inglês a passar pelo Brasil no final do século XVI.

Os japoneses Christopher e Cosmus foram recolhidos por Thomas Cavendish em sua primeira navega-

ção em torno do globo e efetivamente participaram da segunda e malsucedida viagem do almirante.

Henry Barrawell foi companheiro de viagem de Anthony Knivet, e ambos foram abandonados numa praia do litoral do atual estado de São Paulo. Barrawell de fato casou-se no Brasil e deu origem à família Baruel.

Setebos é o nome de um deus dos patagones segundo o relato de Antônio Pigafetta, piloto de Fernão de Magalhães, e é o nome do gigante de *A tempestade*, peça de William Shakespeare, personagem inspirado no relato de Pigafetta.

Os patagones, que se autodenominavam aonikenk, realmente existiram e eram excepcionalmente altos se comparados aos europeus, de baixa estatura. Cobriam-se com mantos de pele, o que os tornava ainda maiores. Esses mantos podem ser vistos em museus na Patagônia.

As memórias de Thomas Kyd levam o título de “livro negro” porque é como se fizessem revelações secretas ou proibidas sobre os temas de que trata, contrariando as ideias preconcebidas e preconceituosas dos homens da época sobre os novos continentes, suas terras e seus povos.

Quem é Sheila Hue

Nasci no Rio de Janeiro em 1967 e sou mãe de três meninos: Ignácio, 12 anos, Félix, 7, e Miguel, 5. Doutora em Letras pela PUC-Rio, coordeno o Núcleo Manuscritos e Autógrafos do Real Gabinete Português de Leitura e sou especialista em estudos camonianos e relatos de viagem do Renascimento. Atuei como professora e pesquisadora nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Atualmente, sou professora visitante na UERJ e integro a equipe da edição crítica de *Os lusíadas* na Academia Brasileira de Letras.

Preparei diversas edições modernizadas e comentadas de obras do século XVI: *Primeira história do Brasil*, de Pero de Magalhães de Gândavo (Zahar, Brasil, 2004/Assírio & Alvim, Portugal, 2004); *Primeiras cartas do Brasil* (Zahar, 2006); *As incríveis aventuras e estranhos infortúnios de Anthony Knivet* (Zahar, 2007/2008)

e *Diálogos em defesa e louvor da língua portuguesa* (7Letras, 2007). Organizei o *Catálogo dos quinhentistas portugueses da Biblioteca Nacional* (Biblioteca Nacional, 2004) e a *Antologia de poesia portuguesa do século XVI – Camões entre seus contemporâneos* (7Letras, 2004/2008).

Publiquei um livro sobre história da alimentação, *Delícias do Descobrimento – A gastronomia brasileira no século XVI* (Zahar, 2008), obra adotada em escolas e universidades. Sou autora, ainda, de uma série de artigos publicados em periódicos acadêmicos no Brasil e no exterior.

Este livro, minha primeira obra de ficção, é fruto da pesquisa que fiz, com o apoio da Fundação Biblioteca Nacional, sobre relatos ingleses de viagem ao Brasil no século XVI, publicada no volume 126 dos *Anais da BN*.

Quem é Alexandre Camanho


Nasci em São Paulo, em 1972, e trabalho com ilustração desde 1999. Meu interesse por artes plásticas começou cedo, olhando pinturas de Hieronymus Bosch e suas criaturas. Muitos de meus trabalhos foram publicados em revistas e livros e participaram de exposições e salões de arte.

As ilustrações que compõem este livro foram desenvolvidas a partir do texto e não em cima do texto. Nesse sentido, os desenhos a bico de pena e aquarela constituem uma narrativa fantasiosa que muitas vezes não aparece no texto, mas os dois momentos, texto e ilustração, formam um único corpo. Há ainda um jogo nas imagens entre a moldura e a cena, que se fundem numa única composição. A cor, ou melhor, a tinta da aquarela conversa muito bem com a linha da pena, mas esta não constitui limite algum para as manchas de cor. A linha conta a história e a cor nos remete ao clima e ao sabor do tempo.



Thomas Kyd mora na cidade portuária de Plymouth, na Inglaterra. Demitido do emprego na cozinha de uma taberna, consegue realizar seu maior sonho: entrar em uma frota de navios para uma longa viagem marítima pelos novos mundos. E não se trata de uma frota qualquer. O comandante é Thomas Cavendish, o navegador mais célebre de seu país, que pretende, pela segunda vez, fazer a viagem de circum-navegação do globo. Durante a travessia do Atlântico, Thomas Kyd se maravilha com fenômenos naturais, animais marinhos e violentas tempestades. Depois de muitas aventuras, chega ao Rio de Janeiro. Ao longo da viagem, sua visão de mundo se transforma, pelos novos saberes gerados pelos Descobrimentos, pelas diferenças culturais e políticas entre os povos, e pelo amadurecimento de suas próprias expectativas e conceitos.

Embarque nessa viagem cheia de surpresas e aventuras!

 FTD



X002O1UY1J

O livro negro de Thomas Kyd
Used - Good

 09-AKQ-555